

Cap. QOBM LUIZ ALBERTO BUENO CANDIDO

**METODOLOGIA DA AÇÃO DOCENTE: UMA PRÁTICA REFLEXIVA
NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL
DO BOMBEIRO-MILITAR**

Monografia apresentada ao Departamento de Contabilidade, do Setor de Ciências Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Planejamento em Segurança Pública.

Orientadora metodológica: Prof^a. Dr^a Sonia Maria Breda

Orientador de conteúdo: Maj. QOBM Anderson Willians de Souza Cortez

CURITIBA

2009

Agradeço a Deus pela oportunidade de finalizar este estudo, o qual dedico inteiramente à minha esposa Sonia e meu filho Guilherme, os grandes alicerces da minha vida, pelo apoio durante esta etapa do meu aprendizado.

RESUMO

Destaca a metodologia da ação docente como aliada na formação profissional bombeiro-militar a partir da interação instrutor e aluno no processo ensino-aprendizagem no Curso de Formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Paraná. Para coleta de dados utilizou-se entrevistas gravadas com alunos e instrutores do Curso de Formação de Oficiais da Academia Policial Militar do Guatupê, sediada em São José dos Pinhais, Paraná, sendo que a pesquisa realizada tem como fato gerador deste estudo, as dificuldades de aprendizado do aluno a partir da capacidade interativa e didática do instrutor. Apresenta idéias e pensamentos de autores em períodos históricos do desenvolvimento da sociedade com base nas tendências pedagógicas e sua evolução a partir de pressupostos teóricos. Estabelece, por meio de referenciais teóricos e análise de entrevistas, o que ocorre no curso de formação em relação à qualidade docente na exposição do conteúdo. Busca oferecer subsídios àqueles que trabalham na área de formação ajudando a compreender esse processo contínuo de atualização para o instrutor-mediador. A Portaria de Ensino da Polícia Militar do Estado do Paraná e o manual do Instrutor da Polícia Militar do Estado do Paraná completam o raciocínio do presente estudo ao se mostrarem atualizados e aplicáveis ao processo ensino-aprendizagem. Conclui que o aperfeiçoamento didático e profissional do instrutor é essencial para formação do bombeiro-militar do Estado do Paraná, pois exige deste, ser mais verbal do que gráfico dominando a arte da oratória a fim de se expressar de forma clara e objetiva.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Instrutor-mediador. Bombeiro-militar. Didática.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	- Descrição do tipo de entrevistado, curso e local de realização	15
QUADRO 2	- Quadro síntese das tendências pedagógicas	29
QUADRO 3	- Perspectivas educacionais em contraste	31
QUADRO 4	- Expectativas antes do início do curso e atualmente como aluno.....	45
QUADRO 5	- Dificuldades de aprendizagem do conteúdo	48
QUADRO 6	- Aspectos em que a ação do instrutor compromete o ensino	51
QUADRO 7	- Dificuldades de aprendizado durante o ensino teórico-prático	54
QUADRO 8	- Opinião sobre como deveria ser uma aula teórico-prática	56
QUADRO 9	- Sugestões durante o processo interativo entre instrutor e aluno	59
QUADRO 10	- Tempo de docência nos cursos internos da Corporação	63
QUADRO 11	- Tempo de preparo das aulas	65
QUADRO 12	- Dificuldade de entendimento entre aluno e conteúdo	67
QUADRO 13	- Aspectos positivos e negativos na Unidade de Ensino	69
QUADRO 14	- Sugestões para o processo ensino-aprendizagem	71

LISTA DE ABREVIATURAS

PMPR	- Polícia Militar do Estado do Paraná
APMG	- Academia Policial Militar do Guatupê
CFO BM	- Curso de Formação de Oficiais Bombeiro-Militar
PE	- Portaria de Ensino
CG	- Comando Geral.....
a.C	- Antes de Cristo
d.C	- Depois de Cristo
CFC	- Curso de Formação de Cabos.....
CFSd	- Curso de Formação de Soldados

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	PROBLEMA	10
3	OBJETIVOS	11
3.1	GERAL	11
3.2	ESPECÍFICO	11
4	JUSTIFICATIVA	12
5	ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	14
6	A METODOLOGIA DOCENTE SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA	17
7	TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ENSINO	28
8	A ARTE DE ENSINAR	35
8.1	FATORES PROPENSOS A DIFICULTAR O PROCESSO COMUNICATIVO	38
8.2	TIPOS DE COMUNICAÇÃO	40
8.3	CUIDADOS NA EXPRESSÃO VERBAL	43
9	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	44
9.1	ENTREVISTAS COM ALUNOS	44
9.2	ENTREVISTAS COM INSTRUTORES	62
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	76
	APÊNDICES	79

1 INTRODUÇÃO

Em pesquisas de opinião pública, a profissão bombeiro-militar conquistou o primeiro lugar em relação à sua credibilidade perante a sociedade com o ¹reconhecimento de 96% dos entrevistados. A Polícia Militar do Estado do Paraná, sensibilizada com a relevância dessa pesquisa, vem incentivando por intermédio do Comando do Corpo de Bombeiros, a formação acadêmica e aperfeiçoamento dos integrantes da Corporação a partir de uma educação continuada e permanente. A intenção do presente estudo foi apresentar uma reflexão sobre a importância da utilização da metodologia da ação docente como apoio e referência durante o processo ensino-aprendizagem com ênfase na formação do Oficial Bombeiro-Militar.

A valorização e o reconhecimento de uma corporação militar ocorrem quando esta, mantenedora de um quadro docente capacitado, possibilita uma formação adequada ao profissional consciente de seu compromisso perante a sociedade, sendo que um planejamento coerente de atividades voltadas ao ensino favorece a reflexão e a assimilação de conhecimentos necessários no auxílio para retomada de possíveis formas de ação diferenciadas de aprendizagem, sejam na utilização de materiais de apoio, estratégias individuais ou em grupo.

É necessário que as Organizações Militares, ao disponibilizarem cursos de formação e atualização profissional dentro de suas respectivas Unidades, sejam responsáveis em instrumentalizar o aluno a partir das técnicas de ensino utilizadas pelo docente favorecendo a sintonia entre instrutor, aluno e a metodologia aplicada. Desta forma, é de fundamental importância transformar o corpo discente em agentes públicos capazes e motivados na sua expressividade e representatividade, além de incorporar-lhes a crença de aprender sempre e pôr em prática esse aprendizado o que justifica esta pesquisa.

Quanto ao roteiro do conteúdo, o desenvolvimento deste estudo é composto de cinco capítulos, sendo o primeiro destinado ao encaminhamento metodológico da pesquisa a partir de pressupostos teóricos aliados às experiências individuais vividas em sala de aula por alunos e instrutores, o segundo e terceiro capítulos remetem a uma reflexão sobre o contexto da metodologia docente sob o ponto de vista histórico onde é possível compreender que o êxito no processo de formação depende de

¹ <<http://www.portaldapropaganda.com/marketing/2008/08/0014>>. Acesso em: 03/08/09.

alguns fatores, dentre eles, a fundamentação dos currículos a partir de teorias e metodologias que atuem diretamente como suporte no desenvolvimento das competências necessárias durante a formação do Bombeiro-Militar.

O quarto capítulo trata sobre o exercício de técnicas de comunicação e didática, a partir de sugestões práticas, possibilitando assim, uma docência mais eficaz durante a formação profissional seguido pelo quinto capítulo que, com base nas entrevistas coletadas, possibilita uma análise dos resultados obtidos a partir de questionamentos sugeridos e gravados com alunos e instrutores na busca de embasamento por intermédio de referencial teórico e prático.

O presente estudo remete a uma reflexão sobre o papel docente em sala de aula sob uma perspectiva interativa e dinâmica, bem como suas possibilidades diante de uma didática bem aplicada. Entende-se que o Oficial ocupa um espaço de destaque dentro da Corporação, a partir do pressuposto que compete a ele manter seus integrantes orientados e instruídos com base em preceitos morais e éticos pautados pela disciplina e hierarquia, portanto, o estudo de sua formação torna-se imprescindível para entender a dinâmica de uma instituição militar.

Outra implicação importante desse trabalho diz respeito à preocupação por uma formação continuada e organizada de forma a oportunizar a reflexão coletiva entre docentes e oferecer elementos teóricos que respondam a questionamentos e contribuam para a realização de práticas inovadoras. O instrutor ao tomar conhecimento da diversidade existente de concepções, paradigmas ou mesmo ideologias relativas ao ensino de sua disciplina, pode criticamente, construir e assumir aquela perspectiva que melhor atenda às suas expectativas se adaptando a realidade presente.

2 PROBLEMA

Quais as principais dificuldades do aspecto ensino-aprendizagem vivenciadas por alunos e instrutores no curso de formação de Oficiais Bombeiros Militares da Academia Policial Militar do Guatupê no Paraná. Essas dificuldades são em decorrência da falta de mediação ou interação durante a transmissão de conteúdo pelo docente, o que impossibilita o entendimento, clareza de objetivos, obtenção de melhores resultados e atenção por parte dos alunos?

Os verdadeiros responsáveis são os instrutores por não promoverem a motivação necessária durante o desenvolvimento do assunto proposto ou os alunos que não se esforçam por entenderem que o período escolar é apenas um rito de passagem que provavelmente não irá comprometer seu desempenho profissional no exercício do oficialato?

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Constitui objetivo geral apresentar a Metodologia da Ação Docente como uma aliada na busca de uma formação profissional bombeiro-militar eficaz e atual visando à qualidade no atendimento à comunidade paranaense.

3.2 ESPECÍFICO

Constituem objetivos específicos:

a) Possibilitar embasamento teórico ao Oficial instrutor sob uma perspectiva histórica referente às práticas pedagógicas com ênfase em seus respectivos autores;

c) Compreender a utilização das variadas técnicas de comunicação e mediação a partir do conteúdo metodológico utilizado para consulta;

b) Refletir, por meio de entrevistas e parâmetros teóricos, sobre as dificuldades mais comuns identificadas e presentes em sala de aula entre instrutor e aluno durante o processo interativo de ensino-aprendizagem;

4 JUSTIFICATIVA

A reflexão pretendida busca, ao chamar atenção para Metodologia da Ação Docente como aliada na formação profissional do Oficial Bombeiro-Militar, a possibilidade de uma contribuição efetiva para o processo ensino-aprendizagem no âmbito militar demonstrando a necessidade de se pensar o ensino como um dos responsáveis pelo perfil e conduta desse profissional. Logo, considerando que o ensino desenvolvido pela organização tem correlação com seu perfil existencial, conclui-se que a Corporação de hoje é resultado da prática de ensino passada e, conseqüentemente, hoje se constroem as bases existenciais da organização de amanhã.

A prática pedagógica deverá utilizar-se de técnicas de ensino que favoreçam a reflexão do antes, durante e após a ação, destacando a importância do elemento humano dentro do processo de formação profissional, sendo que é cada vez maior a exigência de empresas com capacidade de atrair, desenvolver e reter profissionais talentosos. Isso faz com que o Corpo de Bombeiros do Paraná busque o caminho organizacional para alcançar e manter esse nível de competitividade dentro de seus quadros, portanto, a expressão “competências” necessita ser inserida nesse contexto. Para a Portaria de Ensino da PMPR, ao se referir aos objetivos principais, complementa ser fundamental “qualificar o militar estadual, criando e desenvolvendo competências individuais essenciais ao desempenho de suas funções”, (PE, Art. 4º, I, 2008, p. 5).

Para a Corporação, faz-se necessário compreender a diferença existente entre formação e informação, ou seja, formar bombeiros-militares capazes não se trata somente de repassar informações visando ao aprendizado de novos conhecimentos, habilidades ou destrezas. O processo de formação é amplo e necessita levar o aluno ao aprendizado de novas atitudes e adoção de uma postura pró-ativa, buscando idéias e soluções para os problemas vivenciados no trabalho.

Assim, entende-se o processo educativo como essencialmente interativo por meio da relação docente, aluno e metodologia, sendo fundamental a figura do instrutor na mediação crítica e competente. O problema em razão de um aprendizado falho não remete unicamente a pouca prática ou ineficiência do instrutor uma vez que os cenários da aprendizagem e instrução, ou seja, espaço físico

adequado e materiais de apoio por vezes não são disponibilizados para se atingir os objetivos pretendidos de acordo com a necessidade docente.

O Corpo de Bombeiros da PMPR é responsável pela autocrítica e reconhecimento de seu efetivo, exigindo deste o preparo profissional e intelectual, portanto, uma organização que pretenda projetar sua existência no tempo não pode deixar para segundo plano a qualificação de seu pessoal e sim incentivar e apoiar aqueles que anseiam por uma atualização e especialização dentro do desempenho de suas funções. Para tanto, o Oficial Bombeiro-militar ocupa um espaço de destaque dentro da Corporação, a partir do pressuposto que compete a ele manter seus integrantes orientados e instruídos dentro dos mais variados aspectos com base em preceitos morais e éticos pautados pela disciplina e hierarquia, portanto, o estudo de sua formação torna-se imprescindível para entender a dinâmica de uma instituição militar.

Portanto, partindo do interesse da pesquisa em promover o conhecimento de indivíduos enquanto representantes de um grupo específico, alguns aspectos influenciaram o cerne deste estudo, tais como: a necessidade de uma visão estratégica na valorização de um processo formativo continuado aos Oficiais Bombeiros-Militares; os benefícios de uma formação de qualidade para o Corpo de Bombeiros; a busca do perfil atual que melhor defina o bombeiro-militar inserido nesse contexto, seja na condição de instrutor ou aluno.

Na certeza de que o estudo pretendido não se torne apenas uma experiência abstrata, mas subsidie reflexões ao ampliar os conceitos sobre a construção do saber dentro da Corporação, o intuito é proporcionar um embasamento teórico e científico inicial para aqueles que almejam uma melhora qualitativa sendo co-participes no processo metodológico de sua formação como Oficial do Corpo de Bombeiros do Paraná.

5 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O estudo em questão, pautado em perspectivas compreensivas e interpretativas; buscou desenvolver uma pesquisa descritiva com base em um estudo exploratório, apoio bibliográfico e dados obtidos em entrevistas por meio da apreciação de uma análise situacional levando-se em conta as condições gerais de pessoal qualificado, planejamento e de apoio oferecidos para o desempenho das ações e enfoques dentro do processo ensino-aprendizagem. Para que a associação entre ensino e aprendizagem se constituísse em objeto da presente pesquisa, foi necessário primeiramente verificar a sua existência; a relevância no universo consensual do grupo em questão garantindo sua pertinência em relação ao referencial teórico e adequação ao problema.

Na primeira fase do processo descritivo se fez necessário a reunião de material teórico para embasamento do objeto deste estudo buscando facilitar a compreensão dos métodos de ensino utilizados em sala de aula durante o curso de formação de Oficiais do Corpo de Bombeiros do Paraná.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas estruturadas e informais com instrutores e alunos, ambos do curso de formação de Oficiais bombeiros-militares, com a finalidade de agregar opiniões e relatos de experiências vividas em sala de aula a fim de subsidiar a elaboração dos instrumentos qualitativos da pesquisa. Nas entrevistas os sujeitos voluntários foram convidados a responder, a partir de um roteiro de perguntas, questões sobre sua relação com instrutor e aluno diante do processo ensino-aprendizagem.

Segundo Spink (1993), as técnicas verbais são a forma mais comum de acessar as representações sociais, pois o emprego de entrevistas abertas conduzidas a partir de um roteiro mínimo possibilita dar voz ao entrevistado evitando conceitos e opiniões pessoais do pesquisador, portanto, os entrevistados foram selecionados a partir da experiência vivida individualmente na condição de instrutor e aluno.

Desta forma, foram entrevistados 10 (dez) alunos e 06 (seis) instrutores, totalizando 16 (dezesesseis) elementos, sendo o critério adotado para a seleção, instrutores com experiência docente em cursos de formação e especialização dentro da Corporação e alunos do 2º ano e 3º ano do Curso de Formação de Oficiais Bombeiros-Militares da Academia Policial Militar do Guatupê, sediada no município

de São José dos Pinhais, Estado do Paraná, visando o embasamento teórico a partir do entendimento pessoal de cada entrevistado. O QUADRO 1 descreve a categoria do entrevistado, o curso escolhido e local de sua realização.

ENTREVISTADO	CURSO	LOCAL
Instrutor "A"	Formação/Especialização	APMG – São J. dos Pinhais
Instrutor "B"	Formação/Especialização	APMG – São J. dos Pinhais
Instrutor "C"	Formação/Especialização	APMG – São J. dos Pinhais
Instrutor "D"	Formação/Especialização	APMG – São J. dos Pinhais
Instrutor "E"	Formação/Especialização	APMG – São J. dos Pinhais
Instrutor "F"	Formação/Especialização	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "A"	3º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "B"	3º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "C"	3º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "D"	3º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "E"	3º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "F"	2º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "G"	2º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "H"	2º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "I"	2º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais
Aluno "J"	2º CFO BM	APMG – São J. dos Pinhais

QUADRO 1 – Descrição do tipo de entrevistado, curso e local de realização.

O convite para participação na pesquisa foi autorizado pelos respectivos coordenadores das turmas referenciadas, estando os entrevistados livres para aceitar ou não participar deste estudo, sendo que, ao aceitarem, fizeram mediante comprometimento do pesquisador em não revelar os nomes dos entrevistados formalizados com um termo de compromisso assinado, a fim de se evitar transtornos administrativos. Os locais escolhidos para as entrevistas foram as instalações sede do curso referenciado em horário livre sem prejuízo ou interrupção das aulas.

As entrevistas foram conduzidas primeiramente de forma que ao enunciar as perguntas todas de uma vez se fizesse juízo do assunto abordado e, posteriormente, repetindo-as de forma seqüencial possibilitasse o raciocínio ordenado a fim de se

evitar o desvio do curso da entrevista fugindo do seu verdadeiro propósito. O tempo das entrevistas teve a duração média de 12 (doze) minutos, sendo a mais curta de aproximadamente 07 (sete) minutos e a mais longa de aproximadamente 17 (dezesete) minutos.

Os voluntários demonstraram interesse e não se furtaram em expor seus pensamentos e idéias em relação à realidade vivenciada em sala de aula diante da metodologia aplicada ao curso que por hora estariam participando, seja na condição docente ou discente. As gravações foram realizadas mediante prévia autorização dos entrevistados visando contribuir para a fidelidade na descrição dos depoimentos, sendo julgadas suficientes após constatação de que os relatos se tornavam repetitivos, o que denota terem atingido seu ponto de saturação. Para Godói e Mattos (2006, p. 309), observa-se que isso ocorre quando “a medida que vá vivenciando casos similares, o investigador adquire confiança empírica de que não mais se encontram dados adicionais que possam contribuir para o desenvolvimento de propriedades de categorias”.

6 A METODOLOGIA DOCENTE SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Alguns teóricos como Freire (2005), Libâneo (2001) e Perrenoud (2002) escreveram sobre ensino e aprendizagem, destacando, principalmente, as relações interpessoais. Essa abordagem nos remete à importância da interação professor-aluno e sua influência na formação profissional do militar na área de Segurança Pública. A ideia do aluno em relação ao professor e vice-versa envolve dimensões afetivas e motivacionais, por isso não se reduz unicamente a um processo meramente cognitivo.

Assim, entende-se que a condição de instrutor o eleva ao comprometimento de ser o principal responsável em promover uma mediação competente e crítica entre o conhecimento pessoal e dos alunos gerando a motivação necessária e proporcionando a apropriação ativa do conhecimento. Desse modo, a metodologia e a comunicação em sala de aula dentro do processo interativo determinam sua eficácia a partir das características da mensagem, do canal a que está veiculada, na disposição do receptor e do retorno à própria fonte mediadora ou como sugere Marcovitch (1998) ao afirmar que se o professor conseguir transformar a sala de aula em um ambiente de aprendizagem coletiva ao invés de unidirecional será possível manter o aluno mais atento ao propósito da aula. Com o foco nessas questões e sem a pretensão de buscar no passado respostas ou soluções para os problemas atuais, procurou-se destacar reflexões e ideias de alguns autores.

A humanização e o desenvolvimento do ser humano se devem principalmente ao processo de transmissão dos conhecimentos acumulados, sendo que essa humanização não ocorreu somente pela produção de conhecimentos, mas também porque, de certa forma, o homem soube transmiti-los. Assim, ao longo da história, o processo ensino-aprendizagem sempre despertou o interesse de teóricos e pensadores não só da área da Educação, mas também, de Filosofia e Psicologia.

Na antiguidade, os povos considerados não civilizados ensinavam suas crianças por meio do exemplo prático, “um de seus jogos prediletos consiste em arremedar as ocupações da vida dos adultos.” Riboulet (1951, p. 23), portanto, o processo de transmissão de conhecimentos se baseava na convivência e na imitação por intermédio da observação favorecendo uma assimilação continuada e integral do saber. Assim, pode-se dizer que basicamente as técnicas de ensino consistiam em motivar as crianças e jovens a imitar os mais velhos.

Apesar do ensino formal e a instituição escolar surgirem milênios depois e com eles a preocupação com o processo de ensino, isso não significa que não tenha havido processos formais de ensino, pois segundo Riboulet (1951), há registros entre os monges hindus e budistas que se faziam seguir por um séquito de discípulos ou como refere Luzuriaga (1978, p.25) “A educação era, em geral, confiada, [...] a mestres ambulantes, que ensinavam em lugares improvisados ao ar livre”. Para os pensadores e, por assim dizer, educadores gregos, diferentes idéias pedagógicas eram difundidas para o desenvolvimento intelectual e físico durante a formação do cidadão ou “o ideal de educação dessa época está, como sempre, em consonância com os ideais e as aspirações da sociedade”, Luzuriaga (1978, p.35).

Para ¹Pitágoras (582 – 500 a.C), por exemplo, a imposição do método da autoridade era a base para o seu ensino, sendo que, “Como não era permitido aos discípulos entrar em discussão com ele, o seu processo habitual era uma exposição puramente dedutiva.” Riboulet (1951, p. 81), o que remete à conclusão de que os pitagóricos aceitavam as idéias do mestre sem questionamentos e, a princípio, eram partidários do estadismo, ou seja, as atitudes devem ser direcionadas para o desenvolvimento do Estado.

²Sócrates (469 – 399 a.C) procurava aconselhar seus ouvintes somente aos estudos úteis e práticos condenando aqueles voltados puramente à especulação, sendo atribuídas a ele frases célebres, tais como: “A simpatia do mestre e a confiança do aluno são a chave da educação” e “É melhor estudar a fundo algumas ciências do que querer conhecer tudo”, Riboulet (1951, p.83). O ensino socrático resume-se em duas palavras: *reflexão* e *persuasão*, sendo que, pela persuasão “um espírito refletido leva outro a fazer as mesmas reflexões e achar as mesmas verdades”, Riboulet (1951, p. 83) e ainda, complementa Luzuriaga (1978) que para ele, Sócrates, o saber e o conhecimento não só conduzem a virtude, mas são idênticos a ela.

¹ Pitágoras nasceu em Samos. Tales e Forécides o iniciaram na filosofia. Continuou os estudos no Egito onde morou vinte e dois anos. Cambises, levando-o cativo para Babilônia, aproveitou-se dele para se instruir nas ciências dos Caldeus. Uma tradição admite que ele tenha ido até as Índias para consultar os brâmanes deste país.

² Sócrates foi a princípio escultor; mas, a conselho de Critos, voltou-se para a filosofia. Propôs um fim duplo; combater os sofistas e instruir a juventude. A firmeza foi a sua virtude dominante. Sócrates não deixou nenhum escrito. A sua doutrina nos são conhecidos por Platão e Xenofonte, seus discípulos. A sua filosofia repousa neste princípio fundamental: “conhece-te a ti mesmo”.

Considerado o aluno mais brilhante de Sócrates, ¹Platão (429 – 347 a.C) desenvolveu suas teorias pedagógicas a partir de suas concepções filosóficas proporcionando na antiguidade o que foi considerada a mais bela definição de educação, “A boa educação, diz ele, é a que dá ao corpo e à alma toda a beleza e toda a perfeição de que são capazes” Riboulet (1951, p. 85). Para Luzuriaga (1978), se Sócrates foi para a história um grande educador, Platão foi responsável em fundar a teoria da Educação e Pedagogia, pois enquanto que para o primeiro predominou a atividade educativa, para o segundo foi proeminente a reflexão pedagógica associada à política. Sobre os pensamentos dos autores citados cabe destacar que as imperfeições eram proeminentes, porém, o sistema de educação de Platão foi considerado um dos menos imperfeitos da antiguidade.

Dentre os pensadores houve outro que nos conduz a uma reflexão mais ampla. O autor Riboulet (1951) acrescenta que para ²Aristóteles (384 – 322 a.C), no tocante às suas teorias pedagógicas, o desenvolvimento do homem distingue três graus: a vida física, o instinto e a razão, sendo necessário graduar por intermédio desses degraus a progressão dos exercícios e estudos, o que denota que esta teoria remete aos primeiros passos norteadores da chamada educação progressiva. O autor cita ainda que, na sua concepção, seria obrigação do Estado vigiar a educação do cidadão para toda a vida. A idéia dominante da pedagogia de Aristóteles estabeleceu que “o valor de cada estudo mede-se pelo apoio que dá a alma para progredir na virtude.” Riboulet (1951, p. 92) e, ainda, a educação deve ser baseada no conhecimento dos indivíduos e no ensino sendo preciso ir do concreto ao abstrato e do simples ao composto.

Os gregos, de modo geral, se preocuparam com o tema voltado à atividade educativa e Aristóteles, em sua obra “Arte Retórica e Arte Poética”, contemplou o exercício do bem falar, buscando como se comunicar de forma persuasiva e eficiente. Aristóteles (2005) redefine fundamentos e métodos retóricos vigentes, uma vez que a Lógica visava à demonstração da verdade, ou ao que era verdadeiro, a retórica não tratará da questão da verdade e sim do que é verossímil. Para

¹ Platão nasceu em Atenas no mesmo ano da morte de Péricles. Destinava-se a poesia, mas Crátilo o iniciou na filosofia dos jônios. Aos vinte anos apegou-se a Sócrates de quem foi seu mais brilhante aluno. Aos quarenta anos, fundou a Academia que logo se celebrou. Voltando à sua pátria ensinou até a morte.

² Aristóteles nasceu em Estagira, colônia grega da Trácia. O pai iniciou-o na medicina e filosofia. Seguiu durante 20 anos as lições de Platão. Felipe da Macedônia confiou-lhe a educação do filho Alexandre. Tratou de todos os conhecimentos humanos. As suas obras foram vasta enciclopédia e são tão notáveis pela beleza da forma pelas qualidades do pensamento.

Aristóteles (2005, p. 33), “Retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão [...] a Retórica parece ser capaz de, por assim dizer, no concernente a uma dada questão, descobrir o que é próprio para persuadir”, ou seja, encontrar no discurso os argumentos necessários para convencer o ouvinte.

Aristóteles ainda, ao se referir às provas fornecidas pelo discurso, estabelece que existam as que não dependem da arte tais como: testemunhos, confissões, provas escritas, porém, há aquelas que são necessárias encontrá-las.

Entre as provas fornecidas pelo discurso, distinguem-se três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, nas disposições que se criaram no ouvinte; outras, no próprio discurso, pelo que ele demonstra ou parece demonstrar. Obtém-se a persuasão por efeito do caráter moral, quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança [...]. Obtém-se a persuasão nos ouvintes, quando o discurso os leva a sentir uma paixão [...]. Enfim, é pelo discurso que persuadimos, sempre que demonstramos a verdade ou o que parece ser a verdade, de acordo com o que, sobre cada assunto, é suscetível de persuadir. (ARISTÓTELES, 2005, p. 33).

A retórica aristotélica apresenta um estudo sobre os principais meios ou recursos persuasivos de que o orador pode se valer para convencer o auditório, sendo que, para auditório, entenda-se também sala de aula. Cabe destacar que para o capítulo em questão, é fato que a referência aqui estabelecida e remetida aos dias atuais não é para uma oratória sem conteúdo, manipulada, estruturada por intermédio de esquemas, e sim para uma oratória concreta, dinâmica, responsável e crítica.

Quando Aristóteles (2005) se refere ao caráter do orador, parte do princípio de que a pessoa íntegra consegue despertar mais facilmente a confiança do ouvinte provocando nele maior predisposição para aprendizagem. Sobre a emoção ou possibilidade de despertar a atenção, esperança, paixão ou reconhecimento, cabe ressaltar que estes são sentimentos passíveis de serem provocados por meio de uma mediação responsável e consciente, pois a emoção pode contribuir durante a transmissão do conteúdo.

Outro fator fundamental está no discurso propriamente dito, ou seja, a argumentação, pois o emissor deve aplicar as principais regras e princípios da técnica retórica construindo os argumentos a fim de persuadir, sendo assim,

observa-se que o objetivo central da retórica antiga era estudar basicamente a arte de falar em público, por isso se valorizava o estudo da linguagem oral por ser a mais utilizada nesse período.

Esta arte tinha por objetivo obter a adesão do auditório a uma dada tese, por intermédio do uso correto da argumentação. Cabe destacar, como estabelece Aristóteles (2005, p. 29), “A Retórica não pertence a um gênero particular e definido, mas assemelha-se à Dialética, utilidade da Retórica. Seu fim não é persuadir, mas ensinar o possível”.

Para os gregos, o papel da Dialética consistia no método empregado por Sócrates pelo qual ele demonstrava as verdades que se propunha. Ainda, para a Dialética, o conhecimento é um produto que resulta ao mesmo tempo da experiência e da razão humana, ou seja, é um processo de construção que parte da experiência, passa pela interpretação e visa à transformação da realidade se tornando, ao mesmo tempo, um processo individual e coletivo historicamente determinado. Nesse ponto de vista, Platão e Aristóteles já se enquadram dentro do período da institucionalização da escola, pois esses pensadores criaram suas escolas formais e mantiveram um método de ensino onde Platão seguiu a tradição socrática priorizando o diálogo e Aristóteles se preocupou com a pesquisa através de seu método de falar aos discípulos durante caminhadas pelos corredores e adjacências do chamado ¹Liceu, Riboulet (1951).

Outro autor que, em suas obras mais importantes, discutiu questões relacionadas ao ensino foi ²Santo Agostinho (354 – 430 d.C), pois estabelece em seu “Tratado da doutrina cristã” um plano quase completo sobre a educação moral e religiosa, Riboulet (1951). Cumpre destacar que o escritor professou retórica em Milão, Cartago e Roma formulando a cerca de mil anos antes de Bacon o famoso trinômio: *saber, querer e poder*. Ainda, Luzuriaga (1978) acrescenta que para ele era de fundamental importância cuidar dos exercícios corporais, da eloquência e da retórica, sobretudo para vida espiritual.

¹ O Liceu de Aristóteles foi uma das três mais importantes escolas de Filosofia da Antiguidade.

² Nascido em Tagaste, na África, recebeu de Santa Mônica, a mãe, excelente educação. Após a volta à África, foi elevado ao sacerdócio, feito coadjutor de Hippona; e depois, bispo desta cidade por longos anos.

Sobre os pensamentos de Santo Agostinho, Riboulet (1951) faz referência a cinco situações que podem vir a contribuir ao desânimo e aborrecimento provenientes do ensino:

1. **fraqueza de inteligência no auditório**, à qual é preciso acomodar-se; [...] 2. **timidez do catequista**; reagirá fortemente contra esse defeito [...] 3. **repetições fastidiosas das mesmas verdades**; no ponto de vista humano, essas repetições não são agradáveis; [...] 4. **falta de atenção no auditório**; remediará a isso tornando o ensino claro e interessante e fazendo uso freqüente da interrogação; 5. **provações, dificuldades, contrariedades de toda espécie**; [...]. (RIBOULET, 1951, p. 144-145, grifo nosso).

O autor católico menciona situações comuns e presentes no processo ensino-aprendizagem dos dias atuais. Ainda, dentro do contexto religioso, a pedagogia do século XVII destaca um filósofo protestante que contribuiu sensivelmente para o aprimoramento da didática moderna por meio de suas idéias e conceitos, ¹Iohannis Amos Comenius (1592-1670), que com sua obra “Didática Magna”, estabeleceu um marco significativo para a sistematização da didática. Entretanto, não se pode esquecer de que se trata de um contexto pós-medieval e dentro de um período humanista, sendo seu ponto de partida todo o movimento renascentista e de modo específico a reforma religiosa, Riboulet (1951).

Para Luzuriaga (1978), Comenius pode ser considerado o maior educador e pedagogo do século XVII e um dos maiores da história, sendo que por intermédio de um caráter humanista e dentro de uma reforma religiosa, a sua reflexão possibilitou a partir de sua formação teológica, além de filosófica, o desenvolvimento de uma perspectiva espiritualista em seu método. Por isso, podemos dizer que embora estando um passo à frente em seu tempo, não quebrou a sintonia com seus contemporâneos, sendo esta, uma característica importante na didática proposta por Comenius e para qualquer método de ensino que se preocupe verdadeiramente com o aprendizado.

¹ Comenius foi o criador da Didática Moderna e um dos maiores educadores do século XVII; já no século XVII, ele concebeu uma teoria humanista e espiritualista da formação do homem que resultou em propostas pedagógicas hoje consagradas ou tidas como muito avançadas.

No século XVIII outros autores se manifestaram sobre aspectos educacionais e metodologia de ensino, por exemplo, ¹Emanuel Kant (1724 – 1804) em sua filosofia denominada *crítico*, a qual propõe um exame crítico da razão, estabelece que:

A educação tem por fins principais: *disciplinar os homens*; quer dizer: “despi-los da sua selvageria”, fazer com que aquilo que há neles de animal não sufoque o que há de humano; *cultivá-los*, quer dizer: instruí-los; *fazê-los adquirir prudência*, em uma palavra, civilizá-los, moralizá-los, levando-os a seus fins, ensinando-os a agir boas máximas. (RIBOULET, 1951, p. 550, grifo do autor)

Ainda, segundo o autor, as idéias de Kant são pouco originais e às vezes excessivas admitindo até mesmo castigos como forma de sanção a fim de estabelecer a disciplina, o que denota certo imperativo categórico ou “totalmente soldadesco”. Kneller (1984, p. 34) observa que, na esteira de Kant, a maioria dos idealistas modernos sustenta que “A finalidade do ensino não é tanto apresentar ao estudante a massa de informação quanto ajudá-lo a impor ordem e significado a esse acervo informativo”. Para Luzuriaga (1978), a contribuição pedagógica de Kant é puramente teórica, sendo que um de seus discípulos publicou o título “Sobre Pedagogia” que se refere às suas lições universitárias, entretanto, não se trata de uma obra considerável como são as filosóficas.

Considerado um gênio e figura nobre da educação e pedagogia ²Johann Heinrich Pestalozzi (1746 – 1827) é, com efeito, o criador da escola do povo, popular sob o ponto de vista social. Para ele “a família não é suficiente como agente educador, necessita do complemento da escola e das demais instituições educacionais”, Luzuriaga (1978, p. 175). O autor afirma que as idéias de Pestalozzi repercutiram na educação e na pedagogia moderna de modo extraordinário influenciando personagens importantes como Kant, Herbart, Fichte e Froebel. Continua Luzuriaga (1978), Pestalozzi via a ação educativa como o meio mais eficaz de melhorar a situação do povo, a qual se entregou totalmente.

¹ Nasceu em Königsberg de uma família originária da Escócia. De 1770 a 1797 foi professor titular de lógica e metafísica. A sua influência foi muito grande e ainda dura. Para bem compreender no que diz respeito aos problemas educacionais é necessário conhecer as linhas mestras da sua filosofia.

² Nasceu em Zurique na Suíça. Filho de médico e neto de pastor protestante é considerado um dos maiores educadores da história, tendo suas idéias repercutidas na educação e pedagogia de modo extraordinário.

O autor ¹Augusto Comte (1798 – 1857), por intermédio do positivismo, pregava a rejeição às crenças religiosas e às doutrinas metafísicas aceitando somente como verdade a ciência dos fatos e suas leis. Riboulet (1951) acrescenta que os fundamentos dessa teoria são frágeis, pois o sistema educacional de Comte funda-se essencialmente no ensino da matemática e das ciências, estas, inimigas da fé, excluindo do programa, quase que totalmente, as letras. Complementa o autor:

Enfim, dando como único fim moral a essa educação o bem da humanidade, o positivismo limita o homem à terra, aperta-o na engrenagem do interesse geral, nega-lhe de certo modo a liberdade, a personalidade e lhe tira todo pensamento capaz de o consolar em suas penas, pela esperança de uma outra vida, pois “o direito à imortalidade se perderá no naufrágio de todos os outros de que ele era juntamente o remate e corolário. (RIBOULET, 1951, p. 558-559)

O filósofo ²Herbert Spencer (1820 – 1903) também definiu assim o seu ideal de educação em pleno século XIX:

A educação é tudo que fazemos para nós mesmos e tudo o que os outros fazem para nos aproximar da idéia da nossa natureza. O ideal seria obter uma completa preparação do homem para a vida inteira. Em geral o fim da educação deve ser adquirir o mais completamente possível os conhecimentos que mais servem para desenvolver a vida individual e social sob todos os aspectos. (RIBOULET, 1951, p. 560)

Acrescenta Riboulet (1951) que Spencer acreditava que a pedagogia deveria ser guiada pela evolução, ou seja, por intermédio de uma marcha progressiva de um ser que se cria pouco a pouco e que manifesta suas capacidades de maneira sucessiva. Ao exagerar no papel da ciência, esquece de demonstrar seu valor educativo o que parece deixar, por assim dizer, a vida intelectual e emocional sem cultivo conduzindo a uma concepção estreita e incompleta sobre a educação. Destaca o autor que Spencer enumera dois princípios fundamentais de seu método e conclui:

¹ Considerado fundador do positivismo. Essa doutrina filosófica não é mais do que o empirismo renovado e levado a um pretensão rigor científico. O sistema educacional de Comte repousa essencialmente sobre três princípios: a lei dos três estados, a classificação das ciências e a religião da humanidade.

² Nasceu em Derby (Inglaterra). É considerado um dos maiores filósofos contemporâneos. Representa na educação a tendência científica. O seu tratado “A Educação” é formado de quatro capítulos, sendo que, o capítulo preliminar examina qual é o saber de maior utilidade; os três outros tratam de educação física, intelectual e moral.

o *interesse* e a *atividade espontânea*. Pretende-se em primeiro lugar que o critério de um bom ensino é o prazer da criança, o interesse que toma pelo que lhe ensinam; se sente aborrecimento é porque o estudo é prematuro ou mal apresentado. Spencer deveria distinguir entre o que *agrada* e o que é *útil*; certos exercícios que agradam muito aos alunos não são os mais importantes. A mais, se é preciso consultar sem cessar o gosto do aluno, este torna-se o mestre dos mestres e é dele que se deve aprender o que é preciso ensinar. Se é importante tornar a aula interessante, é mais importante ainda ensinar os alunos a vencerem suas repugnâncias e seus caprichos. (RIBOULET, 1951, p. 562, grifo do autor)

Os autores citados foram aqui destacados e representados por apenas alguns de seus pensamentos que, de certa maneira, colaboraram ao longo da história na busca de uma metodologia de ensino adequada ao seu tempo lançando idéias sob uma perspectiva mais ampla sobre o que seria adequado ou não ensinar e, de certa forma, como fazê-lo. Para tanto, ficam como sugestão ao aprofundamento, assim como, outros autores que porventura venham a colaborar substancialmente, dentro de suas respectivas linhas de pensamento, como referência para estudos voltados à área de ensino militar.

No Brasil não foi diferente, pois a História da Educação Brasileira evoluiu em diferentes fases bem definidas facilitando sua observação. Com a chegada dos portugueses o padrão europeu de educação foi estabelecido, o que não quer dizer que as populações que por aqui viviam já não possuíam características próprias no ensinar. Os povos indígenas, por exemplo, educavam seus filhos onde o método de aprendizado consistia na observação e repetição, sendo que, as crianças gozavam de completa liberdade para exercitarem sua curiosidade na busca do saber.

Segundo Bello (2001), os métodos pedagógicos foram trazidos pelos jesuítas, além dos costumes, moral e religiosidade européia permanecendo por aproximadamente 210 anos até sua expulsão pelo Marquês de Pombal. Para Niskier (1995), o modelo de educação jesuítico trouxe vantagens para o Brasil como a manutenção da integridade territorial, porém foi criticado por ser excessivamente humanístico, fato esse que até hoje teria gerado ao Brasil dificuldades com o desenvolvimento científico e tecnológico. No entanto, com a expulsão dos religiosos e, conseqüentemente, o fechamento de colégios, houve “a perda das preciosas bibliotecas que os padres mantinham nos seus principais estabelecimentos” Niskier (1995, p. 64).

Continua Niskier (1995, p. 65) “Pode se concluir que, com a expulsão dos jesuítas, desorganizou-se a educação brasileira, a despeito de outras organizações religiosas como os beneditinos, os franciscanos e os carmelitas”. Bello (2001) destaca que o caos tomou conta na Educação do país até a chegada da família real que, por intermédio de Dom João VI, proporcionou a abertura de Academias Militares, Escolas de Direito e Medicina, a Biblioteca Real, Jardim Botânico e a Imprensa Régia. Apesar dessa iniciativa, a educação continuou a ser tratada sob um ponto de vista secundário, pois a primeira Universidade do país surgiu somente em 1934, em São Paulo.

O ensino brasileiro, para melhor compreensão, ficou definido por períodos específicos, cada qual com suas particularidades, sendo que, para o complemento do presente estudo sua análise não se faz necessária, conforme esclarece Bello (2001): Período Jesuítico (1549 - 1759); Período Pombalino (1760 - 1808); Período Joanino (1808 – 1821); Período Imperial (1822 - 1888); Período da Primeira República (1889 - 1929); Período da Segunda República (1930 - 1936); Período do Estado Novo (1937 - 1945); Período da Nova República (1946 - 1963); Período do Regime Militar (1964 - 1985); Período da Abertura Política (1986 - 2003).

Apesar da evolução no processo de ensino, Bello (2001) conclui que a qualidade da educação brasileira não evoluiu de forma proeminente e segundo dados oferecidos pelo próprio Ministério da Educação, os estudantes não aprendem o que as escolas se propõem a ensinar, sendo que uma avaliação realizada em 2000 demonstrou que 59% dos estudantes que concluíam a 4ª série do Ensino Fundamental não sabiam ler e escrever.

Embora estabelecidas normas direcionadas ao ensino no país por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Bello (2001) afirma que nossa educação só teve caráter nacional no período jesuítico e complementa que “após isso o que se presenciou foi o caos e muitas propostas desconstruídas que pouco contribuiu para o desenvolvimento da qualidade da educação oferecida”, Bello (2001, p. 8).

O autor em foco, Bello (2001), acredita que é esperada uma nova ruptura no processo ensino-aprendizagem por intermédio de propostas desvinculadas do modelo europeu de educação, criando soluções novas em respeito às características brasileiras citando como exemplo o ocorrido em países do bloco conhecidos como Tigres Asiáticos, os quais buscaram soluções para seu desenvolvimento econômico investindo em educação. Niskier (1995, p. 591)

complementa “Em nenhuma parte do mundo duvida-se de que a educação represente um investimento altamente multiplicador e o caminho seguro para melhorar a qualidade de vida das nações”.

Para Niskier (1995) o conhecimento humano vem se desdobrando no mundo a cada período de dois anos devido aos extraordinários avanços científicos e tecnológicos de que o Brasil não pode andar dissociado, portanto, vai depender, em grande parte, do tipo de professor que estará em nossas escolas liderando esse processo. Continua o autor “o professor do futuro não será um mero distribuidor de informações. A ele incumbirá dirigir a aprendizagem, através de meios avançados” Niskier (1995, p. 592). Portanto, a formação bombeiro-militar em nível superior exige que os responsáveis por essa formação busquem agregar os valores necessários por intermédio de uma atualização profissional pedagógica visando se adequar a realidade atual do processo ensino-aprendizagem diante da quantidade de informações processadas ininterruptamente por intermédio da globalização.

Estudar a história das doutrinas pedagógicas não é suficiente para proporcionar uma análise mais objetiva da evolução do processo educacional, sendo que algumas doutrinas permanecem vivas até os dias de hoje em relação às instituições sociais e outras só foram implantadas tempos depois de seu aparecimento. Segundo Gil (2008, p. 24), “Para que se tenha uma história da Pedagogia, torna-se necessário, portanto, considerar tanto as doutrinas pedagógicas quanto os fatos educacionais concretos, que têm sua origem na nação dos governos ou de segmentos da sociedade”.

Para tanto, não é finalidade deste estudo aprofundar o assunto diante das doutrinas que influenciaram o ensino ao longo da História, bem como a evolução das instituições educacionais. Entretanto, as ações dos professores, de alguma forma, são influenciadas por essas doutrinas ou por orientação de instituições educacionais as quais atuam. No capítulo seguinte serão consideradas algumas perspectivas pedagógicas deste século e suas relações com modelos de atuação do professor em sala de aula.

7 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ENSINO

Libâneo (1983), ao mencionar o ensino, acrescenta que não se pode escrever sobre o mesmo sem citar seus pressupostos teóricos ou tendências pedagógicas e propõe duas grandes linhas de pensamento pedagógico conhecidas como tendência liberal e a progressista. Alguns instrutores baseiam sua prática de ensino sob uma perspectiva clássica ou tradicional tomando, como exemplo, os colegas mais antigos ou o próprio senso comum, o que não invalida seu potencial metodológico e didático.

Neste mesmo contexto, ao se referir ao professor de nível superior, Gil (2008, p.16) acrescenta “para justificar a postura contrária à preparação pedagógica dos professores universitários, chega-se mesmo a invocar razões de ordem etimológica”, haja vista a palavra pedagogia se referir, a princípio, à educação de crianças, entretanto, continua o autor “essa distinção é desnecessária, pois por pedagogia entende-se hoje o conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação tanto da criança quanto do adulto”. Agregar conteúdo voltado ao ensino superior é fundamental ao presente estudo ao passo que o referencial de dados abordados está diretamente relacionado ao curso de formação de Oficiais Bombeiros-Militares.

A metodologia aristotélica, que se propagou ao longo da Idade Média européia e posteriormente no Brasil, deu origem à educação tradicional ou àquilo que Libâneo (1983) denominou de tendência liberal. Portanto, parte-se do princípio que o método tradicional de ensino ou suas manifestações não nasceu com o capitalismo e sim a partir dos pressupostos sugeridos por Aristóteles, sedimentando-se posteriormente como metodologia educacional no intuito de ser utilizado como instrumento de manutenção da sociedade. O autor complementa:

É evidente que tanto as tendências quanto suas manifestações não são puras e nem mutuamente exclusivas o que, aliás, é a limitação principal de qualquer tentativa de classificação. Em alguns casos as tendências se complementam, em outros, divergem. De qualquer modo, a classificação e sua descrição poderão funcionar como um instrumento de análise para o professor avaliar a sua prática em sala de aula. (LIBÂNEO, 1983, p. 15)

Assim, Comenius (2001) em sua “Didactica Magna”, publicada em 1657, já demonstrava preocupação em desenvolver o que hoje chamamos de método de ensino. Sendo assim, cada método está associado à ideologia que lhe dá sustentação, por isso há compreensão de que as diferentes tendências pedagógicas se fundamentam na concepção de homem e de sociedade que se pretende estabelecer, sendo essa concepção a norteadora da prática pedagógica em função da formação do homem. Assim, desenvolvem-se os diferentes métodos de ensino, não visando à melhoria da prática pedagógica, mas porque a partir desta prática será possível formar o homem e a sociedade dentro de modelos ideológicos específicos.

O QUADRO 2 nos apresenta uma síntese das tendências pedagógicas conhecidas e aplicadas ao longo da história na educação brasileira com suas respectivas idéias e características.

NOME DA TENDÊNCIA PEDAGÓGICA	PAPEL DA ESCOLA	CONTEÚDOS	MÉTODOS	PROFESSOR X ALUNO	APRENDIZAGEM	MANIFESTAÇÕES
Pedagogia Liberal Tradicional.	Preparação intelectual e moral dos alunos para assumir seu papel na sociedade.	São conhecimento e valores sociais acumulados através dos tempos e repassados aos alunos como verdades absolutas.	Exposição e demonstração verbal da matéria e / ou por meios de modelos.	Autoridade do professor que exige atitude receptiva do aluno.	A aprendizagem é receptiva e mecânica, sem se considerar as características próprias de cada idade.	Nas escolas que adotam filosofias humanistas clássicas ou científicas
Tendência Liberal Renovadora Progressiva.	A escola deve adequar às necessidades individuais ao meio social.	Os conteúdos são estabelecidos a partir das experiências vividas pelos alunos frente às situações problemas.	Por meio de experiências, pesquisas e método de solução de problemas.	O professor é auxiliador no desenvolvimento livre da criança.	É baseada na motivação e na estimulação de problemas.	Montessori Decroly Dewey Piaget Lauro de Oliveira Lima

Tendência Liberal Renovadora não-diretiva (Escola Nova)	Formação de atitudes.	Baseia-se na busca dos conhecimentos pelos próprios alunos.	Método baseado na facilitação da aprendizagem.	Educação centralizada no aluno e o professor é quem garantirá um relacionamento de respeito.	Aprender é modificar as percepções da realidade.	Carl Rogers, "Sumermerhill" escola de A. Neill
Tendência Liberal Tecnicista.	É modeladora do comportamento humano através de técnicas específicas.	São informações ordenadas numa seqüência lógica e psicológica.	Procedimentos e técnicas para a transmissão e recepção de informações.	Relação objetiva onde o professor transmite informações e o aluno vai fixá-las.	Aprendizagem baseada no desempenho.	Leis 5.540/68 e 5.692/71
Tendência Progressista Libertadora	Não atua em escolas, porém visa levar professores e alunos a atingir um nível de consciência da realidade em que vivem na busca da transformação social.	Temas geradores.	Grupos de discussão.	A relação é de igual para igual, horizontalmente.	Resolução da situação problema.	Paulo Freire
Tendência Progressista Libertária.	Transformação da personalidade num sentido libertário e autogestionário.	As matérias são colocadas mas não exigidas.	Vivência grupal na forma de auto-gestão.	É não diretiva, o professor é orientador e os alunos livres.	Aprendizagem informal, via grupo.	C. Freinet Miguel Gonzales Arroyo
Tendência Progressista "crítico social dos conteúdos ou "histórico-crítica"	Difusão dos conteúdos.	Conteúdos culturais universais que são incorporados pela humanidade frente à realidade social.	O método parte de uma relação direta da experiência do aluno confrontada com o saber sistematizado.	Papel do aluno como participante e do professor como mediador entre o saber e o aluno.	Baseadas nas estruturas cognitivas já estruturadas nos alunos.	Makarenko B. Charlot Suchodoski Manacorda G. Snyders Demerval Saviani

QUADRO 2 – Quadro síntese das tendências pedagógicas.

Fonte: ¹Tendências pedagógicas.

A reflexão proposta por Libâneo (1983) leva a crer que durante muito tempo a prática pedagógica não se alterou, mantendo-se afinada com aquilo que se

¹ http://pedagogia.tripod.com/quadro_tendencias.htm. Acesso em: 28 jul. 2009.

popularizou como tendência "liberal tradicional". Com o tempo essa tendência recebeu inovações e se redefiniu como tendência renovada progressivista e, com o aparecimento do movimento conhecido como escolanovista, foi denominada de tendência renovada não-diretiva. A mesma perspectiva ou tendência liberal, a partir de 1960 recebeu o incremento tecnicista idealizado pelo então governo militar.

Haverá sempre considerações de que determinadas posturas em relação ao ensino apresentam características antidemocráticas, ao autoritarismo, à centralização no papel do professor e à submissão do aluno, porém Libâneo (1983, p. 21) acrescenta "Um ponto de vista realista da relação pedagógica não recusa a autoridade pedagógica expressa na sua função de ensinar. Mas não se deve confundir autoridade com autoritarismo".

Hoje não é possível afirmar que essas tendências ou correntes sobreviva isoladamente na prática pedagógica, pois o que se pode observar é que na prática cotidiana dos cursos os instrutores se utilizam da mistura dessas tendências e posturas. Portanto, elas não se apresentam puras nas práticas pedagógicas, mas se aglutinam de forma eclética de modo que cada um se utiliza daquilo que lhe parece conveniente diante dos cursos de especialização e formação. Cabe destacar que muitos dos autores dos principais métodos renovadores da Educação não eram pedagogos, para tanto Gil (2008, p. 23) complementa "Decroly e Cleparéde eram médicos. Maria Montessori também era médica. John Dewey foi, [...], filósofo. Piaget era biólogo. Rogers era psicólogo e Emilia Ferreiro também era psicóloga."

Gil (2008, p. 27) destaca as tendências pedagógicas dividindo-as em três grupos aos quais chama de perspectivas educacionais, conforme QUADRO 3.

PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS EM CONTRASTE		
Perspectiva Clássica	Perspectiva Humanista	Perspectiva Moderna
Adaptação dos alunos aos objetivos da escola	Adaptação da escola às necessidades dos alunos	Harmonização entre as necessidades dos alunos e os valores sociais
Certeza	Dúvida	Probabilidade
Competição	Cooperação	Crescimento
Autocracia	Laissez-faire (deixai fazer)	Participação
Disciplina	Liberdade	Responsabilidade
Reprodução	Descoberta	Criatividade
Orientação para o conteúdo	Orientação para o método	Orientação para solução de problemas
Ênfase no ensino	Ênfase na aprendizagem	Ênfase no processo ensino-aprendizagem

QUADRO 3 – Perspectivas educacionais em contraste

A perspectiva clássica, por exemplo, enfatiza o domínio do professor, o ensino em sala de aula e a ênfase nos tópicos a serem ensinados, Gil (2008). O autor complementa que, “em sua expressão mais extremada, vê os alunos como instrumentos passivos, capazes de aprender e aceitar orientações, mas muito imaturos para iniciar qualquer atividade significativa” Gil (2008, p. 24). Para o autor, o professor associado a esta abordagem se vê como um “tutor” que modela o comportamento do aluno mediante exposições e demonstrações. Por outro lado, o controle da atividade dos alunos para evitar desperdício ou ineficiência leva a valorização de currículos claros, de objetivos e estratégias bem definidas a fim de facilitar a avaliação discente.

O modelo clássico tem sua origem na antiguidade Greco-romana, sendo dominante nas primeiras décadas do século XX, “a despeito dos ataques que lhe têm sido movidos pelos educadores progressistas, ainda constitui modelo muito valorizado em inúmeras partes do mundo” Gil (2008, p. 24). No Brasil, esse modelo ainda goza de prestígio nos meios acadêmicos e pode ser vista como capaz de incorporar inovações, principalmente à tecnologia de ensino.

Em relação à perspectiva humanista, cabe destacar que surgiu se contrapondo a rigidez da escola clássica, sendo que a visão humanista centraliza-se no aluno por entender que este traz para escola suas próprias atitudes, valores e objetivos, assim, sua visão básica consiste em se adaptar o currículo ao aluno, Gil (2008). Seus adeptos enfatizam mais a liberdade que a eficiência e suas bases teóricas encontram apoio em pensadores como Comenius e de educadores como Pestalozzi. Para o psicólogo humanista ¹Carl Rogers (1902 – 1987), o ensino é centrado no aluno e o papel fundamental do professor é o de facilitador da aprendizagem, Gil (2008).

Outra expressão importante desta tendência é Paulo Freire cuja idéia principal é propor “um sistema completo de educação libertadora que iria desde a pré-escola até a universidade” Gil (2008, p. 25). Continua o autor, essa idéia se opõe ao sistema tradicional de ensino visando à “transformação das estruturas econômicas, políticas e sociais de opressão do povo”, Gil (2008, p. 25).

¹ Importante pensador americano, foi um precursor da psicologia humanista e criador da linha teórica conhecida como Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Rogers é considerado um representante da corrente humanista, não diretiva, em educação.

As duas tendências aqui demonstradas se fazem presentes nos dias de hoje tanto de forma mais branda quanto extremada, entretanto outra manifestação surge de forma conciliatória unindo o conteúdo sistemático da visão clássica ao caráter libertador da humanista, trata-se da perspectiva moderna. Esta se consolida, segundo Gil (2008), a partir dos trabalhos de ¹John Dewey (1859 – 1952), entre outros autores. Para Gil (2008), Dewey foi indiscutivelmente o nome mais importante desse movimento, sendo que ele criticava a rigidez curricular da escola clássica e não via conflito entre o conteúdo da matéria e o interesse dos alunos, antes, porém, “propunha uma síntese entre as experiências anteriores da espécie humana e as experiências atuais da criança”, Gil (2008, p. 26).

É importante ressaltar que a definição das três perspectivas é apresentada neste trabalho de forma simplificada, pois dentro das mesmas poderão ser encontradas posições significativamente diferentes.

A Corporação dispõe de legislação atualizada e direcionada ao ensino estabelecendo diretrizes e procedimentos voltados à formação e especialização continuada. A Portaria do CG nº 236, de 26 de fevereiro de 2008, aprova a Portaria de Ensino da PMPR com seus propósitos bem delineados e acrescenta em seu Art 2º:

O ensino militar estadual obedecerá a um processo contínuo e progressivo, continuamente atualizado e aprimorado de educação sistemática, a qual se desenvolverá desde a formação até os graus mais elevados de formação profissional e geral, envolvendo teoria e prática. (PE, Art. 2º, 2008, p. 4)

O conteúdo dessa Portaria estabelece que o ensino militar estadual se destina a ministrar os conhecimentos necessários para a formação profissional dos militares da Polícia Militar do Paraná e, portanto, Corpo de Bombeiros. É evidente que essa relação pedagógica se refere a um grupo específico, ou seja, militar, dentro de um contexto especial pautado pela hierarquia e disciplina, entretanto, estabelecer um ensino centrado somente no instrutor ou no aluno em opostos extremos é negar essa relação pedagógica essencial ao propósito da formação.

Nesse contexto, a Portaria destaca que “o ensino militar estadual deve buscar o máximo de rendimento dentro de uma didática dinâmica e expressiva, de

¹ O filósofo tornou-se um dos maiores pedagogos americanos, contribuindo intensamente para a divulgação dos princípios do que se chamou de *Escola Nova*.

conformidade com um novo contexto social”, Portaria de Ensino (Art. 3º, V, 2008, p.5). Gil (2008) complementa esse raciocínio:

Como instituições sociais que são, as instituições educacionais refletem as características do sistema social que as inclui. Mas em seu interior manifestam-se naturalmente as contradições inerentes a esse mesmo sistema social. Daí por que as ações originadas do interior as instituições pedagógicas podem gerar mudanças significativas no sistema social. (GIL, 2008, p.23)

Para Marcovitch (1998, p. 32), “Cabe ao professor oferecer metodologias úteis no raciocínio disciplinado, sustentadas em valores que façam florescer a consciência e a intuição criativa do aluno” e continua ao afirmar que ao docente não basta demonstrar o conhecimento dos fatos, pois isso o aluno por si só obtém, entretanto, o que ele espera do professor é que este lhe dê a interpretação desses fatos.

Sendo assim, o docente necessita utilizar-se de meios e técnicas que o auxiliem satisfatoriamente na transmissão desse conteúdo e isso independe da corrente pedagógica pela qual se referencia, pois a busca freqüente pelo cumprimento dos objetivos traçados para atingir a aprendizagem dos alunos faz com que a maioria das relações de ensino-aprendizagem envolva mais de um método de ensino. Reforçando, portanto, a idéia inicial de que não existe o método certo e sim o instrutor que consegue trabalhar a partir dos métodos existentes se preocupando com a aprendizagem discente como objetivo final de sua missão de formador.

8 A ARTE DE ENSINAR

Para Lobo (2006, p. 42), “Ensinar não é uma arte, e sim uma técnica; mas como qualquer técnica, os resultados serão maiores e melhores se utilizada com arte”. Outro autor nos refere à ação de ensinar com a definição:

ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo aberto a indagações, a curiosidades, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – *a de ensinar e não a de transferir conhecimento.* (FREIRE, 2005, p. 47, grifo do autor)

Ao analisar os dados referentes ao capítulo anterior e detectar, em primeira instância, prováveis conflitos gerados durante o processo interativo de ensino em sala de aula, percebe-se que as habilidades para a comunicação são fundamentais para interagir e estabelecer relacionamentos pessoais e profissionais, pois a qualidade desta é responsável pela transformação e sucesso dos relacionamentos. Portanto, a eficiência de uma pessoa em qualquer área da vida profissional ou pessoal depende de uma boa comunicação, Polito (2001).

Diante de questões comumente observadas em sala de aula em cursos de formação militar, bem como, conhecimento empírico deste pesquisador na condição de instrutor em cursos de formação e especialização dentro da Corporação, o primeiro passo no desenvolvimento de habilidades na busca de uma interação eficiente é compreender o que é comunicação, seus meios e métodos. O processo comunicativo só ocorre quando o significado da mensagem é compartilhado tanto pelo receptor como pelo emissor, ou seja, o transmissor consegue se fazer entender e transmitir o conteúdo havendo uma compreensão mútua.

Em relação à comunicação, Lobo (2006, p. 20) acrescenta “A comunicação oral quando realizada com técnica, desenvolve a autoconfiança, despertando simpatias e amizades, destacando em muito a pessoa do orador” e conclui que a comunicação oral é fator primordial ao Bombeiro Militar e, principalmente para aqueles que dentro dessa área se dispõem a ensinar pessoas.

Para Moraes (1986), existem diferenças entre o ensinar, o instruir e o adestrar, já que o ensinar visa a tudo aquilo que se relaciona com a compreensão de

mundo, o entender verdadeiramente a vida, aplicando aquele conteúdo aprendido não só em sala de aula, mas para toda uma existência como ser humano, sendo que os demais, adestrar ou instruir, remetem a um aprendizado mecânico e repetitivo que necessita constantemente de revisão, correndo o risco, sem a prática efetiva, de se perder no tempo.

Alguns instrutores atribuem ao ato de ensinar como uma atividade quase impossível de se exercer em toda sua plenitude, porém, não se pode esquecer que ensinar é recíproco, ou seja, está além do simples repasse de conteúdos, pois não se trata de modelos pré-concebidos e sim de aprofundamento destes na busca de soluções para as dúvidas em relação à existência humana, Moraes (1986).

Portanto, a proposta deste capítulo é delinear alguns passos importantes que o instrutor poderá seguir na busca de um relacionamento equilibrado e eficiente com os alunos se utilizando de linguagem apropriada, observando o nível individual de cada um, a fim de garantir que a mensagem alcance o entendimento do receptor. A comunicação bem sucedida facilita a cooperação, confiança e “*feedback*” do aluno, (Lobo, 2006).

O processo comunicativo se dá quando o emissor inicia a transmissão da mensagem e o receptor interpreta e reenvia simultaneamente. Quando o aluno ouve, ele raciocina, imagina a resposta e a transmite para o instrutor, entretanto, às vezes, o aluno reage de modo não-verbal por intermédio de comportamentos variados, tais como: sorriso, distração, ansiedade, preocupação, etc, Weil (1998). Nesse contexto, Lobo (2006, p. 23) acrescenta, “A comunicação tanto é mais perfeita, quanto maior for o número de sentidos utilizados no processo (audição, paladar, tato, olfato e visão).

O importante é compreender que a mensagem transmitida é quase sempre aquilo que o docente espera que o aluno entenda, e nela estão inseridas as formas verbais e não-verbais de acordo com o contexto e o ambiente. O ponto principal é o retorno ou *feedback*, pois, deste modo, torna-se possível avaliar se a mensagem obteve êxito com a compreensão geral. Para tanto, Lobo (2006, p. 24 *apud* Gonçalves, 2000) complementa “para falar bem, devemos ter uma boa administração da voz, clareza da articulação, postura corporal correta, falar sem cansaço vocal, ter bom controle da respiração, uso de gestos e a forma de olhar”.

Quando o instrutor transmite aos seus alunos essa força interior transformadora, ocorre o que comenta Moraes (1986, p. 26) “jamais vi alguma coisa

relevante acontecer sem a presença da paixão e do idealismo, nunca vi acontecer o ensinar por expedientes puramente metódicos e cientificistas”. Durante os primeiros passos a comunicação interpessoal se transforma em um processo simultâneo enviando e recebendo mensagens. A capacidade oratória do emissor se faz necessária a partir do momento em que as reações não-verbais se manifestam, pois, estando o docente atento, é possível ajustar o envio das mensagens de acordo com a receptividade do aluno. Nesse momento, poderá entrar as variações no tom da voz, a utilização de uma linguagem mais simples por meio de técnicas de oratória moderna.

Nesse sentido, Freitas (2002) enfoca as teorias de ¹Vygotsky e ²Bakhtin por considerarem o homem um ser essencialmente social e histórico e que em uma atividade prática, intermediada pela linguagem, desenvolve-se e se constitui como sujeito. O autor em questão opta por esses teóricos por se basearem no materialismo dialético, compreendendo o homem como ser histórico que busca recuperar seu espaço dando à linguagem um lugar de destaque na constituição da consciência.

Portanto, destaca Freitas (2002), que na medida em que Vygotsky vê a aprendizagem como um processo essencialmente social e interativo através da troca de experiências, percebe-se o aprendizado socialmente disponível e adquirido como responsável pela construção das funções psicológicas humanas. Para Freitas (2002, p. 136), “Compreender não é, portanto, simplesmente decodificar, mas supõe toda uma relação recíproca entre falante e ouvinte, ou uma relação entre os ditos e os presumidos”.

O discurso verbal está veiculado à vida, que lhe dá o verdadeiro sentido. É o contexto extra-verbal que torna o discurso um enunciado pleno de sentido ao ouvinte e não meramente um fenômeno lingüístico. É nesse sentido, sob o ponto de vista da mediação entre professor e aluno que a oratória vem cumprir seu papel na formação discente.

¹ No campo da educação, Vygotsky fora um professor de literatura, estética, história da arte e psicologia. Antes de ser psicólogo, foi pedagogo e professor, mantendo sempre a preocupação de relacionar educação e psicologia. Percebeu que, nas experiências realizadas com as situações escolares, o contexto socioinstitucional nunca era levado em conta, sendo os dados recolhidos e analisados numa perspectiva "a-histórica" e "a-social", por isso sempre rejeitados no ambiente escolar.

² Bakhtin, não sendo um psicólogo, mas um filósofo da linguagem, interessou à autora pela sua pluralidade. Graduado em letras, história e filosofia, ele foi um crítico do formalismo russo.

As palavras proferidas por especialistas a respeito de suas teorias complexas nada significam ao aluno quando, nesse contexto, não se acrescenta um toque de expressividade durante uma aula cheia de vivacidade por intermédio da experiência vivida, competência profissional e credibilidade. Para isso, destaca Freire (2005, p. 23) “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças não se reduzem a condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Portanto, trata-se de um processo de troca de saberes e disto independe o Posto ou Graduação do instrutor e sim, sua dedicação e empenho. Para Mollo (1977, p. 143), “Não há nenhum discurso que não seja um discurso de poder, que não permita situar o locutor numa relação de forças. A “tomada” da palavra, o monopolizar do discurso asseguram a “tomada” ou a conservação do poder”.

O ambiente do presente estudo, ou seja, a formação do profissional sob um regime militar denota o tipo de comportamento citado pela autora, contudo, cabe ressaltar que o docente necessita permitir se utilizar desse poder a seu favor, seja conquistando o respeito dos seus subordinados por meio de um processo interativo consistente e delineado ou estabelecendo os caminhos a serem seguidos passo a passo.

A busca do saber implica em evitar o processo metódico e repetitivo do simples adestrar e a responsabilidade do agente mediador é deliberar sobre qual o melhor caminho a ser seguido ou como Freire (2005) destaca ao afirmar que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é tornar mesquinho aquilo que é de fundamental importância dentro do exercício educativo, ou seja, seu caráter formador.

8.1 FATORES PROPENSOS A DIFICULTAR O PROCESSO COMUNICATIVO

Alguns fatores poderão contribuir para o fracasso durante o processo comunicativo. Dentre eles se destacam, por exemplo, os de caráter pessoal, ou seja, a aparência, formação cultural ou estado psicológico, pois é comum se aproximar das pessoas e ouvi-las com maior proximidade e atenção quando estas apresentam uma aparência saudável, são asseadas, educadas e gentis, Weil (1998).

Outro fator importante diz respeito à interferência psicológica, pois, culturalmente, as pessoas normalmente demonstram diferentes interpretações para os mesmos fenômenos. Diante disso, o contato com pessoas de níveis diferentes deve ocorrer livre de qualquer preconceito ou preferência. Às vezes, tal comportamento se origina ou é estimulado em razão da formação familiar, religiosa ou identidade sócio-econômica.

A questão do meio ambiente também poderá influir no processo ensino-aprendizagem no que tange as dimensões físicas da sala de aula, iluminação, cor, temperatura e disposição do mobiliário. Uma sala pequena, por exemplo, torna-se mais confortável quando o número de alunos corresponde à dimensão do espaço físico, no máximo 8 a 15 alunos. A temperatura ambiente também poderá se tornar um fator comprometedor no desenvolvimento da ação docente por ocasião do desconforto gerado sugerindo uma distração por parte dos ouvintes.

Quanto à disposição do mobiliário, cabe destacar que o modelo adotado é o da escola tradicional, ou seja, quatro ou cinco colunas de carteiras dispostas uniformemente uma atrás da outra; um tablado para o instrutor e o quadro negro fixo na parede, sendo que ao possibilitar variações dessa disposição, por exemplo, círculos “O” ou formato em “U”, poderá ocorrer maior proximidade com os alunos facilitando o processo interativo.

Normalmente, os alunos tendem a selecionar a informação de acordo com o que acreditam, dentro de seus valores, crenças, opiniões pessoais. Isso poderá se tornar um problema a partir do pressuposto da intolerância das pessoas quando contrariadas em relação às suas opiniões. Mesmo ao se deparar com alunos conscientes e discernidos, a tendência é vivenciarem aquela experiência de forma limitada, sem visão objetiva ou mais complexa enxergando somente aquilo que desejam ver.

Apenas alguns fatores foram citados no intuito de alertar para o cuidado com o rompimento do processo comunicativo a fim de se evitar uma comunicação de má qualidade ou um entendimento deturpado. Os resultados se tornam improdutivos a partir do momento em que fatores como: perda de tempo, ressentimentos, reclamações, críticas infundadas e relacionamentos abalados se fazem presentes em sala de aula.

8.2 TIPOS DE COMUNICAÇÃO

As pessoas costumam não prestar atenção às informações simbólicas do dia-a-dia, pois se esquece que os símbolos fazem parte da vida quando incluem o local de trabalho, a função ocupada, local de residência, o carro, roupas, idade, sexo, nível de instrução, origem étnica e herança cultural. Esse tipo de processo informativo, seja nas ruas ou no relacionamento diário com as pessoas, assimila alguns símbolos como objetos concretos que representam coisas abstratas. O comportamento adotado em relação às pessoas serve de base para o significado de tais símbolos, causando reações diferenciadas e mudanças no comportamento.

A questão das informações simbólicas é que, às vezes, são interpretadas erroneamente, por exemplo, roupas simples não condizente com a ocasião podem comprometer a credibilidade do orador durante sua exposição teórica apenas pela aparência antes mesmo de ouvi-lo. Se o orador se veste de forma apropriada ao local e ao público esperado, sua avaliação poderá ser diferente e com isso a receptividade do público também, sendo que para Lobo (2006) o vestuário do instrutor deve constituir exemplo ao aluno estando impecável. A opinião sobre as pessoas, muitas vezes, baseia-se em observações desamparadas de conhecimento subjetivo, Polito (2001).

Na comunicação verbal as palavras são usadas no envio das mensagens e também como combinação na formação de frases e unidades de pensamento. A comunicação falada e a escrita são formas de comunicação verbal, pois se apóiam no uso de palavras. Portanto, cabe ao instrutor dar sentido e expressividade no modo de se comunicar utilizando-se dos métodos de ensino disponíveis para esse tipo de comunicação. Para Gil (2008, p. 63), “Naturalmente, a atenção do aluno em boa parte depende do seu grau de motivação”.

A comunicação não verbal também é fundamental no processo ensino-aprendizagem quando se trata de inspirar e influenciar o aluno. Se a transmissão das palavras não ocorre de forma harmoniosa com os gestos e expressões, ou seja, se não há o complemento da linguagem não verbal com a falada, o receptor provavelmente permanecerá desatento à exposição do conteúdo. Para ser efetiva a comunicação entre pessoas, estas devem enviar mensagens verbais e não verbais que sejam coerentes, Polito (2001).

O rádio, como exemplo, não possibilita um contato visual com o emissor, portanto, exige deste uma expressividade verbal mais dinâmica além de outros fatores importantes e indispensáveis nesse tipo de comunicação. Nesse caso, a qualidade verbal deverá contribuir, por intermédio de um tom de voz audível, atento, confiante e enérgico. Se esse tom não combina com a mensagem ou se o emissor parece hesitante, suplicante ou, até mesmo, autoritário, quem o ouve não prestará atenção, Polito (2001).

Ao se expressar, a atitude enérgica do orador é fundamental para demonstrar o quanto está interessado e entusiasmado com o que comunica, pois uma pessoa atenta e receptiva ajuda a criar um ambiente favorável à comunicação. Se o emissor é apático ou desanimado, possivelmente haverá rupturas no processo ensino-aprendizagem. É normal o nível de energia contagiar o grupo ao provocar a emoção, porém, é preciso saber dosar, sem exageros, ou seja, educar a emoção com inteligência estimulando o aluno a pensar antes de reagir; a ser líder e trabalhar com as contradições da vida. Para Lobo (2006) o bom orador não se expressa somente com a voz, mas com braços, mãos, fisionomia, movimentos com a cabeça e os olhos.

O contato visual contribui para o processo interativo durante a mediação do instrutor, seja por meio de um olhar espontâneo, direto, interessado, confiante, sincero ou crítico. O contato adequado por intermédio do olhar é um excelente meio de demonstrar que se está interessado no que se tem a dizer demonstrando respeito, credibilidade e disponibilidade em ouvir, todavia, um contato visual inadequado remete a um sentimento inapropriado de falta de interesse. Portanto, um contato visual adequado é observar todos os alunos aleatoriamente demonstrando atenção a cada um, porém, deve-se evitar olhar durante muito tempo para o mesmo aluno a fim de não causar constrangimento ou olhar para um ponto qualquer alheio ao que se passa em sala de aula, Polito (2001). Nesse contexto, Lobo (2006, p. 34) conclui “Manter sempre o contato visual, ora olhando a cada aluno, ora para a turma em geral, sem predileção, representa a regra básica”.

Para Libâneo (1983), não há um aluno ou grupo de alunos aprendendo sozinho nem tampouco um professor ensinando para as paredes, pelo contrário, o professor interage não se opondo aos interesses, necessidades ou a autonomia do aluno, mas para ajudá-lo a ultrapassar suas necessidades e criar outras ajudando a

reconhecer e distinguir a verdade do erro e a compreender as realidades sociais e sua própria experiência.

Outra forma de comunicação é o próprio corpo, ou seja, postura, atitude, movimentos, expressões faciais, etc. Inclinar-se na direção do receptor e olhá-lo diretamente revela interesse e atenção. Se o emissor está relaxado, demonstrado através de uma expressão agradável, um clima propício à comunicação e aprendizado se estabelece, Weil (1998). Segundo Lobo (2006, p. 35) “Ao entrar na sala de aula deve o instrutor esquecer outras preocupações” e continua, pois esse cuidado se faz necessário para que o aluno não seja influenciado pelo comportamento do instrutor.

Para Polito (2001), o emissor necessita buscar o conhecimento, descobrir suas possibilidades de expressão, seja verbalmente ou por intermédio de cada movimento do seu corpo de forma harmoniosa, porém sem exageros, evitando movimentos treinados e mecânicos, pois isso denota artificialidade e compromete a comunicação. O gesto, portanto, deve ser natural, espontâneo a fim de auxiliar no complemento da condução da mensagem até o receptor.

Os fatores ou métodos aqui explícitos são idéias e formas de se buscar uma interação mais efetiva com o aluno. Durante o processo ensino-aprendizagem mais de um método de ensino é utilizado, o que torna inoportuno localizar o ponto exato de aplicabilidade de cada um, pois se completam e se baseiam na escolha certa de cada método e procedimento didático de acordo com o momento, levando em conta o público alvo, o conteúdo e o objetivo.

As dificuldades observadas durante os Cursos de Formação para Bombeiros Militares destacam o equívoco do instrutor ao se acomodar com a não aprendizagem dos alunos abrindo mão do seu poder de intervenção, pois ele participa dessa distorção seja pelos reflexos que recebe, seja por aquilo que provoca com seus limites e falhas durante sua ação.

O docente que transmite o conteúdo de forma mecânica e repetitiva visando somente à memorização não possibilita que este seja assimilado para toda vida não havendo, portanto, a reflexão. Diante do exposto, o instrutor necessita aprimorar seus conceitos a partir dos métodos de ensino e didática ampliando sua capacidade docente durante a exposição das aulas.

8.3 CUIDADOS NA EXPRESSÃO VERBAL

Para a comunicação verbal o importante é ser específico na transmissão do conteúdo procurando destacar as particularidades essenciais daquela informação; ouvir com atenção o que os alunos têm a dizer sobre o que se transmite; ser informal poderá, às vezes, favorecer o instrutor quebrando paradigmas instituídos no ambiente militar, porém, acrescenta Fontes (2003, p.132): “para falar bem não basta querermos, é imprescindível treinarmos e utilizarmos determinadas técnicas, além de tomarmos vários cuidados”. Continua a autora afirmando que é preciso estudar o assunto a ser ministrado; organizar as idéias por tópicos para facilitar a condução do tema escolhido; cuidar para não se perder em detalhes irrelevantes para não prejudicar o tempo de exposição; utilizar-se de meios auxiliares; manter-se calmo no primeiro contato procurando respirar profundamente; ter em mente cada passo da aula e como será conduzida; evitar expor o assunto de costas para os alunos; evitar assuntos de desconhecimento para não comprometer a credibilidade; evitar comentários discriminatórios ou agressivos; evitar a utilização de objetos que produzam ruídos, tais como: pulseiras, relógios e celulares; descontraír para afastar o nervosismo sem perder a concentração.

Lobo (2006) conclui que para o instrutor fazer uso da palavra, além de treinamento, necessita ter o devido cuidado na correção de linguagem, uso de gírias, repetições das mesmas palavras, vícios de linguagem, lugares comuns ao destacar, por exemplo, expressões regionais típicas de determinado local.

As sugestões mencionadas servem de apoio para a reflexão pessoal, entretanto, é preciso ter em mente que cabe ao docente a iniciativa em melhorar seu método de ensino ou como destaca Libâneo (1994, p. 252) “Um professor competente se preocupa em dirigir e orientar a atividade mental dos alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo”. Portanto, se ensinar é uma arte e a sala de aula o espaço propício para exercê-la, cabe ao instrutor o primeiro passo nesse universo complexo, mas extremamente prazeroso para aqueles que acreditam ser possível fazer a diferença ao pô-la em prática.

9 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O estudo em questão foi complementado com amostras de entrevistas realizadas com alunos e instrutores do Curso de Formação de Oficiais Bombeiros Militares do Estado do Paraná levando a reflexão sobre as dificuldades mais comuns identificadas e presentes em sala de aula entre instrutor e aluno durante o processo interativo de ensino-aprendizagem. Acredita-se que, a partir das entrevistas coletadas, será possível compreender a importância da utilização das variadas técnicas de comunicação e mediação e que essas habilidades são fatores norteadores para interação nos relacionamentos interpessoais. Para Polito (2001), os objetivos a serem atingidos para uma comunicação eficaz são fundamentais, pois sem eles, a eficiência de uma pessoa em qualquer área da vida, seja ele pai, amigo, líder, instrutor ou aluno se torna limitada.

Durante as entrevistas foram sugeridos assuntos diretamente ligados ao processo ensino-aprendizagem durante a exposição das aulas sob o aspecto interativo. O Manual do Instrutor da Polícia Militar do Paraná, Lobo (2006), quando trata dos paradigmas contemporâneos da formação policial militar, estabelece que seja de competência do docente utilizar-se de metodologia apropriada durante o processo de aprendizagem o considerando como uma jornada, ou seja, ter em mente que ele seja capaz de construir uma imagem geradora de alto desempenho. Cabe ainda ao docente considerar a flexibilidade do currículo e do plano de matéria no que tange o conteúdo e metodologia.

Lobo (2006) refere-se à necessidade de se observar alguns paradigmas contemporâneos na formação militar, cabendo como responsabilidade do instrutor a preocupação com o corpo discente a partir do entendimento de que todos têm seu próprio ritmo para aprender, entretanto, não se pode ignorar a busca pelo desempenho de qualidade.

9.1 ENTREVISTAS COM ALUNOS

Quando abordados sobre as expectativas antes e depois de iniciado o respectivo curso, alguns alunos expuseram suas opiniões conforme QUADRO 4.

Alunos Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Fale sobre suas expectativas antes de iniciar o curso e atualmente na condição de aluno.	<p>... Antes de entrar no curso eu já tinha um determinado conhecimento a respeito das academias militares... As Academias militares sempre tiveram uma fama muito grande de ser um ensino puxado... Vai valorizar a moral do cadete... Abranger todas as áreas do conhecimento e a gente acaba formando uma visão lá fora de que você vai entrar na academia e encontrar um rol infinito de possibilidades na parte de conhecimento técnico, principalmente a respeito da área de bombeiro. (Aluno "A")</p> <p>... Seria um curso voltado na área do bombeiro que iria me trazer não só como fazer a prática, mas o porquê eu estaria desenvolvendo daquela maneira... Estudando casos, sabendo aplicar, gerenciar uma crise em situações diversas em todas as áreas do bombeiro... Então eu iria ter um embasamento teórico das matérias específicas do bombeiro, como combater um incêndio, as melhores maneiras, técnicas e táticas de combate, como e por que fazer um resgate em veículo isso em matéria de salvamento, como utilizar os equipamentos... Seria o porquê da prática, mas não só a prática e sim estudar essa motivação. (Aluno "B")</p> <p>... Antes de iniciar o curso eu acreditava que a parte prática seria bem mais ampla voltada no sentido operacional... Normalmente a gente vê na conjuntura das matérias como são ministradas, não há uma preocupação voltada para o aprendizado e sim nota, estudar para eliminar matéria, é tirar nota... Voltado pra isso até causa um certo desconforto o que é diferente do aprendizado que nós temos no ensino médio que você tem amigos na turma e não competição em virtude de nota. (Aluno "C")</p> <p>... Eu acreditava que seria um ensino puxado e realmente está sendo, pois nós temos um número elevado de matérias e a gente acaba se preocupando unicamente em eliminá-las e partir pra outra. (Aluno "D")</p>

QUADRO 4 – Expectativas antes do início do curso e atualmente como aluno.

<p>Fale sobre suas expectativas antes de iniciar o curso e atualmente na condição de aluno.</p>	<p>... Os instrutores iriam passar esse conhecimento de forma mais ampla voltada especialmente ao oficialato e depois de percorrer esse tempo no 2º ano percebi que na verdade não é bem assim, pois alguns instrutores não preparam a aula e acaba sendo de qualquer jeito, não sei se para deixar os alunos mais a vontade acabam não passando a instrução e ficam contando histórias... (Aluno "E")</p> <p>... Na verdade eu tenho uma idéia da profissão de bombeiro como sendo aquele herói que se arrisca por tudo pra salvar uma vida, está relacionada com segurança, o bombeiro é mais técnico e em relação às matérias eu não tinha conhecimento que havia a área de exatas, só que eu acho que deveria ter um pouco mais da parte prática do que teórica, tem teoria que é essencial, mas a prática deixa um pouco a desejar... (Aluno "F")</p> <p>... Eu sempre vi o bombeiro com herói então a minha expectativa era grande e mais ainda agora, o ensino não é fácil, quer dizer, algumas matérias são e outras não, por exemplo, eu não sabia que a área de bombeiro compreendia cálculo, não gosto. (Aluno "G")</p> <p>... Eu era praça e me adaptei bem aqui, mas as matérias são bem mais difíceis de estudar, precisa concentração, estudo, não dá pra vacilar, mas também acho que precisa de bons instrutores sabe, com formação no ensino superior, afinal esse curso é superior e precisa ser diferenciado... (Aluno "H")</p> <p>... Eu sempre tive vontade entrar aqui e consegui, então estou bem e acho que já me adaptei a essa realidade daqui, o problema que vejo é a competitividade e o individualismo às vezes... (Aluno "I")</p> <p>... Achei que fosse mais tranquilo, confesso que estou um pouco cansado daqui e meio desanimado, mas gosto de ser bombeiro e pretendo ser Oficial... (Aluno "J")</p>
--	---

QUADRO 4 – Expectativas antes do início do curso e atualmente como aluno.

Percebe-se, na fala dos entrevistados, que havia grande expectativa no início do curso diante do que se esperava, entretanto, decorrido um determinado

período seguido da aquisição de mais experiência no ambiente escolar, surgiu o desencanto e a decepção perante a realidade vivida. Percebe-se que a maioria enfatiza a existência de um ideal de profissional a ser alcançado e demonstram isso ao exaltarem a profissão bombeiro-militar como complemento a este ideal.

A Polícia Militar do Paraná é uma organização que não segue as leis de mercado sendo norteadas por valores éticos, tais como: hierarquia, disciplina, dever, honra, lealdade, dedicação integral ao serviço. Essa profissão se distingue das demais a partir do ideal de vocação acima de tudo, a necessidade do “herói” além do técnico ou administrador e o sentido da missão ao invés do contrato, portanto o seu processo de formação, diferente de outras universidades, sempre requereu uma dedicação diferenciada pautada pelo rigor militar, o que é de se esperar quando os alunos expõem seu descontentamento sobre procedimentos e formas de ação no decorrer do período letivo.

O sistema educacional adotado pela Academia Policial Militar do Guatupê vem se aperfeiçoando na busca de resultados efetivos na formação do Oficial Bombeiro-Militar, porém, como se lê nas transcrições sugeridas acima, muito há que se fazer para melhoria desse processo formativo. Sobre esse posicionamento, Kneller argumenta:

O máximo que um professor pode esperar é que o estudante (a) *saiba* o que é certo e o que é errado, (b) *saiba por que* isto é certo e aquilo é errado, e (c) tenha alguma idéia sobre o que *deve* fazer a respeito daquilo que sabe. Se, além disso, o estudante se empenhar na conduta certa, o professor terá sido mais do que amplamente recompensado por seus esforços. (KNELLER, 1984, p. 42, grifo do autor)

Diante da expectativa dos alunos, percebe-se que o processo de formação militar se trata de um tema difícil a ser abordado, pois é cercado de conceitos e preconceitos dos que se dedicaram a escrever sobre ele. Para Lobo (2006), a formação militar não conduz somente a formar robôs com alto desempenho, mas verdadeiros cidadãos conscientes de seu papel perante a sociedade. Com isso, o autor complementa sobre a necessidade de se manter atento aos três grandes eixos do ensino-aprendizagem, ou seja, o comprometimento com as competências e as habilidades, os princípios éticos da cultura militar e o vínculo do alto desempenho individual com o êxito policial militar. O autor conclui que:

Sendo o currículo da Polícia Militar um esquema de ação para ser levado a efeito entre docentes e discentes com a orientação da administração escolar, é salutar o confronto entre as competências objetivadas no binômio ensino-aprendizagem e as matérias de ensino, também como a pedagogia das competências adquire cada vez maior importância em cada estabelecimento de ensino. (LOBO, 2006, p. 19 – 20)

Finaliza Lobo (2006) que o homem necessita participar da comunidade como membro atuante e atualizado, para isso tem que desenvolver a capacidade de expressar suas idéias e pô-las em prática. Assim, as opiniões pessoais dos entrevistados servem de inspiração na busca de incentivo no aprimoramento dos aspectos educacionais voltados à formação e especialização do efetivo da Polícia Militar do Paraná.

Alunos Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Você tem sentido dificuldade em entender o conteúdo da matéria? Por quê?	<p>... Dificuldade de assimilar o conteúdo principalmente da minha parte eu não tenho tido, porém, o que a gente sente falta, às vezes a gente queria mais, por exemplo, você chega em uma instrução de combate a incêndio, em 3 anos eu tive poucas instruções práticas, você achava que teria um monte de instrução, que a toda hora teria contato com fogo e com diversos tipos de materiais diferentes e no final você vê lá, teve uma, duas, quatro instruções práticas e outras foram apenas simulados, teóricas... (Aluno "A")</p> <p>... Eu vejo que muita gente tem dificuldade por não estudar depois da aula... O pessoal só estuda antes da prova e eu não tive muita dificuldade com as matérias a não ser da área de exatas... Talvez por falta de didática do professor não sei se por ser militar ele não tenha tanta vivência nessa área de exatas e talvez um professor civil teria melhor preparo para explicar a aula... (Aluno "B")</p>

QUADRO 5 – Dificuldades de aprendizagem do conteúdo.

<p>Você tem sentido dificuldade em entender o conteúdo da matéria? Por quê?</p>	<p>... Às vezes sinto dificuldades sim, mas eu penso que os instrutores, não todos, mas alguns poderiam melhorar sua didática e prepara melhor sua aula, pois fica difícil entender matérias de calculo quando não se tem uma base sobre o assunto... (Aluno "C")</p> <p>... Principalmente em matérias da área de exatas, pois por ser instrutores militares, eles não convivem direto com a matéria... Eles têm os problemas administrativos da Corporação, então dá pra perceber que eles leram um dia antes o assunto e quando surgem questões de alunos que têm conhecimento na área também, normalmente eles (os instrutores) não sabem responder e então ficamos estudando por decoreba e aí na parte de exatas é o que mais dificultou... (Aluno "D")</p> <p>... Em comparação com épocas anteriores eu vejo que hoje melhorou muito a interação entre instrutor e aluno, lógico que as brincadeiras em sala de aula tiram um pouco a tensão e o objetivo principal acredito que está sendo alcançado, pois aprendi muitas coisas com entendimento sobre vários assuntos, acho que faltou estudar um pouco mais e um ou dois instrutores mantiveram um ritmo mais puxado para o militarismo... (Aluno "F")</p> <p>... Eu tive dificuldade pela falta de contato com material e o tempo sem estudar, pois nas aulas práticas principalmente, não temos material de apoio suficiente e o ensino fica prejudicado, mas tudo tem sido compensado em horas de estudo durante o dia e a noite... (Aluno "H")</p> <p>... Tenho dificuldades sim, nas matérias de exatas, acho que os instrutores deveriam utilizar-se de uma didática mais eficiente para ensinar. Eu penso também que nas matérias práticas o ensino fica prejudicado quando falta material e temos que ficar perdendo nosso tempo em deslocamentos fora da Academia para aulas externas.. (Aluno "I")</p> <p>... Tenho assimilado os assuntos de forma geral, aquilo que não entendo busco informação depois, temos acesso a internet e isso facilita a nossa vida aqui... (Aluno "J")</p>
--	---

QUADRO 5 – Dificuldades de aprendizagem do conteúdo.

O QUADRO 5 demonstra que para os entrevistados apenas algumas matérias apresentam um nível de dificuldade maior partindo do princípio que há probabilidades do motivo estar vinculado ao pouco esforço por parte docente. Neste contexto, a Portaria de Ensino da Corporação, ao estabelecer princípios a serem seguidos, destaca “o ensino militar estadual deve incentivar a iniciativa do grupo, ao esforço individual de pesquisa, de análise e de aprofundamento da cultura profissional e geral”, (PE, Art. 3º, VII, 2008, p. 5).

Para Perrenoud (2000, p. 56, grifo do autor), a aprendizagem não teria utilidade se não houvesse o mínimo de transferência, o que para ele “é definida como a capacidade de um sujeito para *reinvestir* suas aquisições cognitivas, no sentido mais amplo, em situações novas”, ou seja, sem a transferência, a aprendizagem corresponderia a uma situação passada e não reproduzível em sua singularidade. O autor continua:

De fato, contrariamente à educação tradicional, que prepara para viver *lá onde se foi educado*, a pretensão de toda escolarização é preparar os alunos para reinvestirem suas aquisições em contextos variados, fora da escola, em situações da vida cotidiana, profissional, política, familiar e pessoal.” (PERRENOUD, 2000, p.57, grifo do autor)

Dentro do aspecto globalizado, a transferência de conhecimentos referida por Perrenoud (2000, p.57) está ligada a “mobilidade das pessoas e ao ritmo de transformação da sociedade”, o que sob o ponto de vista do autor nem sempre ocorre na escola tradicional.

Na relação ensino e aprendizagem, para Piaget (1996), a aprendizagem sistematizada se caracteriza, a princípio, por um processo de assimilação de conhecimentos, ações físicas e mentais, conduzidas pelo processo de ensino, ou seja, a ação intencional do ensino criará condições para que a partir da ação do sujeito ocorra a aprendizagem ou mudança de comportamento.

A dificuldade em aprender é antes precedida pela dificuldade em ensinar, para tanto, acrescenta Lobo (2006, p. 41, grifo do autor) “O instrutor, para desempenhar a sua função, deve possuir dois requisitos básicos: a formação pedagógica e a formação técnica”, ou seja, o instrutor necessita ter o domínio das técnicas de ensino e possuir o conhecimento necessário do assunto que ministra. Gil

(2008) complementa que para ministrar determinada disciplina, o professor necessita conhecê-la em profundidade além do que é exigido pelo programa, pois será necessário destacar seus aspectos fundamentais e demonstrar suas aplicações práticas, além de solucionar eventuais problemas que possam surgir no decorrer do período letivo.

Cabe ainda destacar a importância da autodisciplina na vida do aluno, referenciada nas palavras do (Aluno “H”) “mas tudo tem sido compensado em horas de estudo durante o dia e a noite”, sendo que, o papel do instrutor é auxiliar seus alunos para que eles próprios descubram o valor da autodisciplina. Moraes (1986, p. 36) estabelece “jamais vi alguma bela e significativa conquista de vida sem autodisciplina”, portanto, compete ao aluno a responsabilidade da dedicação por intermédio de um sentimento indagador diante das questões sugeridas.

Gil (2008) acrescenta que no passado foi comum professores organizarem conteúdos sem se preocuparem com a dificuldade dos alunos em relação a aprendizagem, sendo que para muitos professores se o aluno apresentasse dificuldade, estes deveriam se dedicar mais aos estudos e caso a dificuldade permanecesse eles seriam reprovados. Porém, “considera-se importante identificar o nível de maturidade e de adiantamento dos alunos para definição dos conteúdos.” Gil (2008, p. 54), entenda-se faixa etária, nível sócio-econômico, aspirações profissionais, hábitos de estudo, conhecimentos anteriores, motivação e interesse pela matéria.

Alunos Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Em quais aspectos a ação do instrutor compromete o ensino?	... Muitos instrutores você percebe que a capacidade técnica dele é gigantesca e ele está lá tentando transmitir o conhecimento dele... Passar informações para assimilar o conteúdo, porém, o que muitos de nós reparamos é que nem todos os instrutores estão com essa preocupação desse aprendizado do aluno... Às vezes ele está cumprindo uma meta e o ensino acaba ficando deficiente, não são todos, já tive instrutores que eu via que ele sabia muito, outros, poucos, você nota que falta um pouco de conhecimento teórico ou às vezes ele não sabe repassar o conteúdo... Não preparou a aula... (Aluno “A”)

QUADRO 6 – Aspectos em que a ação do instrutor compromete o ensino.

<p>Em quais aspectos a ação do instrutor compromete o ensino?</p>	<p>... Ficava claro que o instrutor ali muitas vezes não preparava a aula, simplesmente ele tinha que estar lá e utilizava alguma coisa que ele já tinha de outros cursos não voltados para o nosso... Tinha slides do tal... e do tal... no início da apresentação, então o conteúdo era o mesmo para todos... Então não se preparava as aulas, pegava algum conteúdo já feito para outros cursos e não se sabia de quantos anos atrás e se explicava assim... Teoricamente variava de professor para professor, uma dificuldade que a gente como aluno via é que não havia ligação entre as matérias... (Aluno "B")</p> <p>... Eu penso que acontece quando ele não prepara de forma adequada sua aula... (Aluno "C")</p> <p>... Principalmente na elaboração da matéria e na elaboração do conteúdo para as aulas e nas matérias práticas eles não conseguem passar essa visão da aplicabilidade desse conteúdo e aí ele fica subjetivo e aí não conseguimos enxergar para que serve essa matéria, aí o instrutor escreve no quadro e a gente fica assim, para que serve isso, até que quem foi soldado ou praça consegue até entender isso mas quem veio do meio civil não assimila e aí não estudam a matéria com interesse... (Aluno "D")</p> <p>... Quando é perceptível seu despreparo a frente daquela matéria e que na verdade ele não deveria ter sido designado para tal. Penso que nossos instrutores também necessitam de formação pedagógica... (Aluno "F")</p>
--	--

QUADRO 6 – Aspectos em que a ação do instrutor compromete o ensino.

Diante do QUADRO 6, os alunos expõem as deficiências observadas em alguns instrutores dando ênfase novamente para uma aula sem conteúdo e mal elaborada. Para Lobo (2006), o desempenho está inserido na competência e é uma forma para o alcance de resultados dentro de perspectivas de ordem política, procedimentos, organização, tudo aliado ao ambiente em que atua, portanto, essas competências são a diferença entre um desempenho superior do desempenho médio ou medíocre.

A responsabilidade do instrutor consiste em saber apresentar e discutir conteúdos; suscitar no aluno a autodisciplina, todavia, espera-se que esta provocação parta da iniciativa deste. Para tanto, Morais sugere:

Não há segredos cabalísticos no que chamo de “postura marcante” e nem é necessário, como às vezes dá a impressão, que todo professor viva por corredores e salas de aula **derrubando** carisma ao ponto de parecer um ente vindo de distantes galáxias.” (MORAIS, 1986, p. 37 – 38, grifo do autor)

Continua Morais (1986, p. 38), “Penso que tudo se resume: em ter paixão pelo que ensina, em não ter perdido a crença na perfectibilidade do homem individual e coletivo”. Ao suscitar uma reflexão sobre o que o aluno observa durante o processo interativo com ênfase ao docente, torna-se possível compreender a necessidade do reconhecimento por parte do instrutor do valor de sua mediação. Para Gil (2008, p. 18), “As atividades desempenhadas pelo professor, além de complexas, dão muita margem a considerações valorativas. As explanações acerca das qualidades que deve ter o professor não raro envolvem discussões de ordem ideológica.”.

Logo qualquer tentativa de tentar arrolar as características ideais para o instrutor de ensino superior será incompleta, pois o instrutor comprometido com o processo de ensino é capaz de exercer com eficiência seu compromisso na condição docente por intermédio de sua dedicação e entusiasmo. Cabe destacar que as referências decorrentes de uma aula mal elaborada pelo instrutor no tocante aos slides repetitivos, provenientes de outros cursos da Corporação, demonstram o cuidado que se deve ter no preparo às aulas, porém, não se pode esquecer que mesmo para o curso de formação de Oficiais, obrigatoriamente, os alunos deverão assimilar os conteúdos previstos em níveis diferentes de formação: básico, intermediário e avançado. Entretanto, Gil (2008, p. 64) complementa “Para favorecer a retenção, o professor precisa primeiramente garantir a organização do material a ser apresentado”.

Alunos Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
As dificuldades de aprendizado ocorrem durante matérias teóricas e práticas? Há diferença?	<p>... Uma coisa que senti falta nesse meio acadêmico são debates, poucos instrutores fizeram... As dinâmicas de grupo faltam um pouco nas nossas instruções teóricas... (Aluno "A")</p> <p>... A aula teórica é mais quadrada, inevitável, porém, existem várias técnicas que o instrutor pode atrair mais atenção dos alunos... Dinâmica de grupo... Simulação, ou qualquer tipo de atividade didática que cause interesse ao aluno... (Aluno "B")</p> <p>... O maior problema que eu vejo nas aulas do Curso de Formação de Oficiais teóricas é o instrutor simplesmente colocar o slide com vários conteúdos e... ler o slide... vai falando e ficam duas, três, quatro, cinco horas aula falando aquele mesmo assunto e isso chega um momento que o cadete não consegue mais ter atenção, ele está lá olhando, mas não está assimilando o conteúdo, sendo que na minha opinião seria melhor que desse a instrução mais teórica para o aluno visualizar; posteriormente, reúne em grupos, faça uma dinâmica, debates... (Aluno "C")</p> <p>... As matérias teóricas são tediosas quando não há dinâmica do instrutor e também penso que a carga horária diária é excessiva, pois o instrutor vem e fica o dia todo conosco para aproveitar a presença dele aqui. Eu acho que para as aulas teóricas o instrutor não pode passar mais de três aulas conosco, as práticas tudo bem... (Aluno "D")</p> <p>... Na questão sala de aula, acredito que passar cinco horas/aula com o mesmo instrutor na aula teórica não tem o mesmo rendimento do que se fosse direcionado duas aulas ou três aulas no máximo... a partir disso... O aluno já não assimila bem e a concentração já não é a mesma, tanto do instrutor quanto do aluno, tem um déficit de aprendizagem, então eu acredito que muita aula teórica seguida não compensa, teria que ser repensado esses horários... (Aluno "F")</p>

QUADRO 7 – Dificuldades de aprendizado durante o ensino teórico-prático.

<p>As dificuldades de aprendizado ocorrem durante matérias teóricas e práticas? Há diferença?</p>	<p>... A parte prática em virtude das ultimas turmas serem em grande número causava dificuldade, não tinha material suficiente, não tinha tempo suficiente, sendo que, quem passa primeiro nas instruções tem melhor aproveitamento daqueles que ficavam por último não havendo um padrão de desenvolvimento dos exercícios... (Aluno "G")</p> <p>... Isso ocorre tanto nas teóricas quanto nas práticas, sendo que, nestas, o instrutor não consegue passar todo o conteúdo por que as turmas são grandes com muitos alunos, se o aluno não tem interesse ele se afasta e fica só observando sem poder praticar e nas teóricas também, sendo que, essas são prejudicadas pelo mal preparo da mesma... (Aluno "F")</p>
--	--

QUADRO 7 – Dificuldades de aprendizado durante o ensino teórico-prático.

Ao comentar sobre dinâmica em sala de aula no QUADRO 7, o (Aluno A") faz a seguinte referência "Uma coisa que senti falta nesse meio acadêmico são debates, poucos instrutores fizeram. As dinâmicas de grupo faltam um pouco nas nossas instruções teóricas", percebe-se aqui que o aluno sente falta da interatividade em sala de aula. Interagir se faz necessário, pois a formação do agente público destinado a gerenciar pessoas e assumir responsabilidades, a partir da tomada de decisões, requer exercício intelectual por intermédio dos debates, seminários e exposição teórica e oral, pois é preciso ter em mente que a opinião discente necessita ser ouvida e confrontada com a docente, a qual orienta com base em sua experiência individual e auxilia na construção de novos saberes favorecendo o aluno na aquisição de habilidades essenciais para formação do Oficial Bombeiro-Militar.

Nesse contexto, acrescenta Castro (1974, p. 14) que para Piaget o importante para toda e qualquer metodologia seria a provocação da atividade do aluno, esse raciocínio o levou a formular dois tipos de estratégias didáticas "a investigação pessoal e autônoma do aluno e a cooperação promovida pela troca intelectual em trabalho de grupo".

Continua o (Aluno "C"), "O maior problema que eu vejo nas aulas teóricas é o instrutor simplesmente colocar o slide com vários conteúdos e ler o slide... vai falando e ficam duas, [...] cinco horas... falando aquele mesmo assunto". Nessa linha

de pensamento, continua Castro (1974, p. 12) “Nos recursos audiovisuais reconhece Piaget grande progresso em relação a métodos de ensino puramente verbais”, porém, completa o autor que esses recursos não são suficientes para desenvolver “atividade operatória”, correndo risco do chamado “verbalismo da imagem” ou, mais ainda, transformando-se em verdadeiras “muletas espirituais”.

Segundo Castro (1974), Piaget afirma que o papel do mestre é fundamental como mediador principalmente em debates e coordenação de trabalhos não podendo ser substituído por imagens, sons ou efeitos pirotécnicos. Quanto às aulas práticas e a referência feita com base no número excessivo de alunos impossibilitando desses a vivência daquela experiência operacional, cabe destacar que a eficiência na ação docente requer planejamento. Para Gil (2008), o docente necessita prever as ações necessárias para o ensino atingir os objetivos.

Em termos educacionais Gil (2008, p. 57) conceitua aprendizagem como “refere-se às modificações nas capacidades ou disposições do homem que não podem ser atribuídos simplesmente à maturação”. Assim, continua o autor, ocorre a aprendizagem quando o aluno aumenta sua capacidade em relação a determinados desempenhos em virtude da experiência pela qual passou sob o ponto de vista prático ou assimilou no ponto de vista teórico.

Para o propósito deste estudo, entenda-se que será preciso prever o tempo, local, material necessário e disponível, efetivo mínimo para auxiliar de acordo com as necessidades da aula, bem como, desdobramentos que por ventura sejam necessários recorrer. Gil (2008) complementa que o planejamento de ensino se desenvolve a partir da ação do professor, sendo que ações planejadas evitam improvisações garantindo maior segurança na direção do ensino, economia de tempo e energia.

Alunos Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Em sua opinião, como deveria ser uma aula teórica e prática?	... Eu penso que o problema maior das aulas teóricas é a falta de didática do instrutor e da aula prática a quantidade de alunos por turma, falta tempo para exercitar todos os exercícios... (Aluno “A”)

QUADRO 8 – Opinião sobre como deveria ser uma aula teórico-prática.

Em sua opinião, como deveria ser uma aula teórica e prática?

... Atrapalha bastante a quantidade de alunos na sala de aula, inicialmente a minha turma tinha 37 (trinta e sete) cadetes no 1º ano e isso acontecia em atividade de salvamento vertical ou aquela atividade que seria necessário aquele contato entre instrutor e aluno, ou seja, o instrutor auxilia individualmente cada aluno, porém, com uma turma desse tamanho mesmo dividido em dois pelotões fica deficiente... (Aluno "B")

... A quantidade de alunos em sala de aula pras matérias práticas eu vejo muita dificuldade em uma turma que tenha mais de 15 alunos... a gente deixa de executar muita coisa, na matéria teórica não faz diferença, mas falta material, recursos, estrutura, por a gente estar em uma academia policial voltada para o ensino policial falta estrutura para o bombeiro... (Aluno "C")

... Eu acredito que poderia ser melhorada a questão do preparo das aulas pelo instrutor, sem improviso, às vezes até falta equipamento em sala de aula. Para as aulas práticas eu penso que deveríamos ter uma estrutura aqui mesmo na Academia para se evitar aulas externas, pois demora muito tempo pra chegar, agente perde tempo no deslocamento,, (Aluno "D")

... Eu acho que para melhorar as aulas práticas e teóricas é preciso atualização docente, melhorar a didática, a metodologia aplicada e também a diminuição da quantidade de alunos por turma,, (Aluno "E")

... Falta uma escola direcionada para o bombeiro, ter que ir atrás de uma aula externa que as vezes também não encontra uma estrutura adequada... (Aluno "F")

... Acho que os instrutores poderiam mudar a didática... mesmo mantendo o militarismo e o respeito... Ajam como se fosse uma faculdade e aí o aluno tendo essa visão não se sente intimidado para questionar ou colocar sua opinião sem represálias, então o oficial deveria pensar mais como sendo um curso superior e dar oportunidade para o aluno se expressar melhor... (Aluno "H")

... A teoria e a prática têm que andar juntas... (Aluno "J")

QUADRO 8 – Opinião sobre como deveria ser uma aula teórico-prática.

No QUADRO 8, os alunos fazem referência ao quesito relacionado ao número elevado de alunos por turma, o que reflete a dificuldade de aprendizado, principalmente em se tratando de aulas práticas. No ensino atual, ao se referir ao número de alunos por sala de aula, a prática tem demonstrado que os objetivos são alcançados com maior eficiência quando a turma se limita ao máximo de quinze alunos, porém não significa ser impossível estabelecer uma relação de aprendizagem com número maior de alunos por turma.

Outro fator seria a interação entre instrutor e aluno quando o (Aluno “H”) comenta “o oficial deveria pensar mais como sendo um curso superior e dar oportunidade para o aluno se expressar melhor”. Na obra “Formando Professores Profissionais”, os autores destacam o papel da comunicação conforme o contexto acima com a seguinte reflexão:

A dificuldade do ato de ensinar está no fato de que ele não pode ser analisado unicamente em termos de tarefa de transmissão de conteúdos e de métodos definidos a *priori*, uma vez que são as comunicações verbais em classe, as interações vivenciadas, a relação e a variedade das ações em cada situação que permitirão, ou não, a diferentes alunos, o aprendizado em cada intervenção. Assim, as informações previstas são regularmente modificadas de acordo com as reações dos alunos e da evolução da situação pedagógica e do contexto. (PAQUAY; PERRENOUD; ALTET; CHARLIER, 2001, p.26, grifo do autor)

Por intermédio da necessidade de embasamento teórico sobre o assunto em questão, acredita-se que o instrutor tenha condições de propiciar o primeiro passo em busca de uma interação efetiva e eficiente no processo ensino-aprendizagem. Para tanto, destaca Libâneo (2001, p. 252) “Um professor competente se preocupa em dirigir e orientar a atividade mental dos alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo”, ou seja, é preciso torná-los sujeitos ativos na sociedade atual, pois a função principal da aprendizagem humana é interiorizar ou incorporar essa cultura e integrá-la conscientemente.

Para Moraes (1986), o professor indispensável seria aquele capaz de ensinar a caminhada independente, ou seja, propor a sua própria condição de ser dispensável em um determinado momento no processo de aquisição do conhecimento. Complementa ainda, que transmitir conhecimento seria dispor ao aluno uma jornada que se identifique com ele de forma positiva e inesquecível.

Neste contexto, Gil (2008, p. 27 *apud* Abreu e Masetto, 1985, p. 5) escreve que para alguns autores um problema central em sala de aula é “a opção que o professor faz pelo ensino que ministra ao aluno ou pela aprendizagem que o aluno adquire”. A cumplicidade que deve ocorrer durante todo o processo de ensino e aprendizagem baseia-se, principalmente, na escolha certa do método de ensino e demais procedimentos didáticos a serem aplicados pelo professor, para tanto o autor complementa:

Os conceitos do ensino e aprendizagem encontram-se indissociavelmente ligados. Porém, ao se falar de ensino, evocam-se conceitos como: instrução, orientação, comunicação e transmissão de conhecimentos, que indicam o professor como elemento principal do processo. Já, ao se tratar da aprendizagem, evidenciam-se conceitos como: descoberta, apreensão, modificação de comportamento e aquisição de conhecimentos, que se referem diretamente ao aluno. (GIL, 2008, p. 27)

De uma maneira superficial, poder-se-ia afirmar que cada conteúdo determina o método a ser utilizado pelo instrutor, porém, toda e qualquer explicação sobre o assunto a ser ministrado deve ter como propósito a transmissão de conhecimentos direcionados à possível compreensão do alunado. Assim como, para que o docente possa exigir trabalhos individuais e em grupo precisa previamente ter oferecido orientações e conhecimentos básicos para que o aluno consiga mostrar o que aprender extra-sala de aula, ou seja, o resultado do processo ensino-aprendizagem.

Alunos Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Que sugestão você teria para melhorar essa interação entre instrutor e aluno durante a exposição das aulas?	... A maioria das disciplinas aqui a gente estuda e não consegue ver uma coisa prática por mais que o pessoal seja imaturo e não consiga ver, se você analisar bem os fatos, analisar o porquê, você não consegue ver aonde se aplica isso, mas eu acho que alguns instrutores não conseguem passar essa informação para o cadete, que ele tenha essa consciência de que a matéria do instrutor é importante e passar ela de uma maneira que ela seja aplicável pra nossa profissão... (Aluno “A”)

QUADRO 9 – Sugestões durante o processo interativo entre instrutor e aluno.

<p>Que sugestão você teria para melhorar essa interação entre instrutor e aluno durante a exposição das aulas?</p>	<p>... Eu acho que uma questão no curso que não é muito abordada é fazer o aluno pensar, obrigar ele ao raciocínio, obrigar ele a emitir opiniões... Forçar-nos a emitir nossas opiniões, formar pensamento, o aluno fala “eu penso dessa maneira por tais motivos ou argumentos, ou seja, formar o pensamento dele e ter argumentos necessários pra confirmar esse pensamento dele... (Aluno “B”)</p> <p>... Tem muitas matérias importantes com pouca carga horária, que tem vinte horas no decorrer do curso de três anos em uma matéria que poderia ser abordada um pouco mais e tem matéria que poderia ser enxugada, menos quantidade de aulas, pois acredito que o fim não é aquele por ser uma matéria básica... (Aluno “C”)</p> <p>... Eu penso que promover debates seria interessante e também estudo de caso. Para nós futuros Oficiais é importante aprendermos com a experiência dos instrutores... (Aluno “D”)</p> <p>... Tem muitos assuntos, por exemplo, que mesmo sendo instrutor, ele não viveu uma experiência prática daquilo, claro, para as matérias operacionais, então seria importante que os instrutores além de possuírem formação na área pedagógica, pudessem partilhar sua experiência profissional com os alunos, coisa que os mais novos ainda não vivenciaram... (Aluno “E”)</p> <p>... Eu acho que poderiam ser convidados para ministrar aulas aqui instrutores de outras regiões do Paraná para poderem partilhar da experiência deles naquele local, sendo que tem muito instrutor novo que não tem experiência com FUNREBOM, por exemplo... (Aluno “F”)</p> <p>... Eu acho que no CFO está sendo ruim essa quantidade de alunos principalmente na parte prática e nas aulas externas se perde muito tempo e o aproveitamento é comprometido... (Aluno “G”)</p>
---	--

QUADRO 9 – Sugestões durante o processo interativo entre instrutor e aluno.

<p>Que sugestão você teria para melhorar essa interação entre instrutor e aluno durante a exposição das aulas?</p>	<p>... Primeiramente como critério deveria ser escolhido o professor que tem afinidade com aquela matéria, ou seja, ministrar a matéria que ele quer não simplesmente sendo escolhido para cobrir aquela vaga disponível, ter que dar a matéria forçado, sem gostar e sem preparo... Acredito que a chave estaria na redução do número de alunos para dar maior atenção individual a cada aluno despertando maior interesse, maior capacidade de estudo e entendimento... (Aluno "H")</p> <p>... Eu penso que deveria ser exigido que o instrutor tivesse uma formação assim com a parte mais didática, processo pedagógico que é essencial, pois a didática é da pessoa e alguns têm facilidade e outros não, mas isso pode ser trabalhado... (Aluno "I")</p> <p>... O contato instrutor e aluno deveria ser mais humano... (Aluno "J")</p>
---	--

QUADRO 9 – Sugestões durante o processo interativo entre instrutor e aluno.

Percebe-se neste QUADRO 9 que determinadas questões surgem novamente em pauta se tornando repetitivas ao contexto, entretanto, não menos importante, pois reforça a tese da necessidade de uma nova postura voltada à uma reestruturação do sistema de ensino durante a formação profissional docente. Questões como: carga horária insuficiente para matérias consideradas essenciais; redução do número de alunos por turma; didática adequada e maior disponibilidade de tempo para ministrar o conteúdo. Segundo Kneller, quando o professor apresenta um determinado assunto durante exposição teórica:

Empenha-se em apresentar a matéria como produto do pensamento de muitos homens e como um foco de contínua atividade intelectual. Esse é, de fato, o status de todos os conhecimentos que importam, uma vez que, para o conhecimento perdurar, ele deverá ser reinterpretado e produzir novos significados em uso. (KNELLER, 1984, p.96)

Sob o ponto de vista do autor, ao citar ¹Martin Buber (1878 – 1965), faz a seguinte referência ao ensino:

Ensino, disse ele, não poderá ser um verdadeiro diálogo se o professor for interpretado como um instrutor, alguém que age como simples intermediário entre o aluno e a matéria. Quando o ensino é entendido como instrução, o professor é desvalorizado e converte-se em veículo para a transferência de conhecimento, ao mesmo tempo em que o aluno é desvalorizado e transformado no produto dessa transferência. O conhecimento é soberano e a pessoa torna-se meio e produto. (KNELLER, 1984, p. 95)

Ao se referir à figura do professor por intermédio da expressão “instrutor”, cabe destacar que se trata de um conceito inserido dentro de um contexto militar, o qual, em momento algum, vem desmerecer a complexidade da missão de ensinar e formar profissionais conscientes de papel como servidor na área de segurança pública. Assim, percebe-se na declaração dos alunos, que estes anseiam por uma instrução de qualidade com participação ativa docente apesar de reconhecer as dificuldades inerentes a essa missão, todavia, o processo requer uma profunda reflexão sobre a questão ao passo que os alunos de hoje se tornarão os instrutores de amanhã.

Portanto, o conteúdo a ser ministrado deve ser planejado de acordo com o alunado priorizando os assuntos a serem tratados e a maneira que deverão ser enfocados. Mesmo em turmas do mesmo nível o conteúdo pode ser explorado de modo diferente, desde que seja seguido um plano de ensino previamente elaborado pelo instrutor e aprovado pela instituição. O instrutor tem papel fundamental no processo de formação militar, pois é ele que fomenta nos alunos o desejo de crescer, adquirir conhecimento e vencer barreiras que surgirem ao longo da carreira profissional.

9.2 ENTREVISTAS COM INSTRUTORES

¹ Filósofo, escritor e pedagogo, judeu de origem austríaca, em suas publicações filosóficas deu ênfase a sua opinião de que não há existência sem comunicação e diálogo e que objetos não existem sem a interação.

Instrutores Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Há quanto tempo você leciona nos cursos internos da Corporação?	<p>...Trabalho quatorze anos na Corporação e cinco anos como instrutor... (Instrutor "A")</p> <p>...Tempo de serviço na Corporação é de onze anos, sendo sete anos na condição de instrutor... (Instrutor "B")</p> <p>... Eu leciono há aproximadamente quatorze anos... (Instrutor "C")</p> <p>... Leciono há quinze anos... (Instrutor "D")</p> <p>... Aproximadamente 14 anos... (Instrutor "E")</p> <p>.... Exerço essa função há 10 anos... (Instrutor "F")</p>

QUADRO 10 – Tempo de docência nos cursos internos da Corporação.

Neste QUADRO referência, os instrutores entrevistados demonstraram possuir experiência vivida na condição docente, entretanto, não significa terem passado por um processo de formação pedagógica. Nesse contexto, complementa Gil (2008, p. 15) "Ainda que [...] possuindo títulos com os de Mestre ou de doutor, os professores que lecionam nos cursos universitários, na maioria dos casos, não passaram por qualquer processo sistemático de formação pedagógica". Para tanto, a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/96) não contribui para mudar essa situação, pois em seu art. 65 estabelece "A formação docente, exceto para educação superior, incluirá a prática de ensino de, no mínimo, trezentas e sessenta horas."

Ao tratar dos requisitos para exercer a docência na Corporação na formação de Oficiais, a Portaria de Ensino da PMPR complementa:

Art. 90. Nos cursos, desenvolvidos no âmbito da Corporação, em princípio, o Docente deve ser:

I – Para Oficiais:

d) Formação de Oficiais: Oficial, da ativa ou da reserva, Superior, Intermediário ou Subalterno, este, preferencialmente, no posto de 1º Tenente, com especialização na respectiva área de conhecimento; (PE, 2008, art. 90)

Entretanto, para a Coordenação de cursos voltados à formação de Praças, acrescenta:

Art. 47. A Coordenação de cada curso ficará a cargo de um Oficial de posto compatível com o nível do curso e com a condição hierárquica dos seus alunos.

§ 1º. A Coordenação dos Cursos de Formação, especialmente o Curso de Formação de Cabos (CFC) e Curso de Formação de Soldados (CFSd), ficarão a cargo de Oficial Subalterno, de preferência com formação pedagógica ou com Curso de Técnica de Ensino, para turmas de até 100 (cem) alunos e Oficial Intermediário, com a mesma qualificação, para turmas com mais de 100 (cem) alunos. (PE, 2008, art. 47, § 1º.)

Percebe-se que a Portaria de Ensino da PMPR enfatiza a preferência de formação pedagógica ou curso específico “Técnico de Ensino” para os Oficiais designados na função de coordenador dos cursos de formação para Praças, entretanto, não estabelece esse critério para os cursos voltados à formação de Oficiais ficando como critério, previsto no art. 94, a especialização na área de conhecimento ou a qual exercerá docência.

Para Schön (2000), um dos autores atuais mais entusiasmados pela difusão do conceito de reflexão na ação, destaca uma característica importante do ensino, ou seja, uma profissão em que a própria prática conduz à produção de um conhecimento específico, o qual só pode ser construído em contato com a prática. Segundo ele, a cada momento, a cada situação vivenciada, novos problemas vão se apresentando, fazendo com que o professor mantenha um diálogo reflexivo com a realidade. Este diálogo é alimentado por um referencial pedagógico, o qual, mesmo não respondendo de forma absoluta à singularidade de cada situação, serve de ponto de partida para novas compreensões e criações.

Instrutores Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Você considera que dispõe de tempo para preparar as aulas observando os aspectos metodológicos?	... Quando a gente associa os dois trabalhos eu acredito que ainda falta bastante tempo pra gente ter a preparação de aula na minha concepção de aula... (Instrutor “A”)

<p>Você considera que dispõe de tempo para preparar as aulas observando os aspectos metodológicos?</p>	<p>... Os cursos que dei aula foram intervalados, em relação ao tempo para preparar aula é questão de prioridade na caserna, pois fazemos em horário de expediente sendo possível preparar uma boa aula nesse ponto de vista, no entanto falta aí em algumas disciplinas, principalmente as de técnicas de bombeiro, um acervo bibliográfico melhor, pois é muito fraco... (Instrutor "B")</p> <p>... Considero fundamental a preparação das aulas, especialmente com a popularização da internet. Se o instrutor não se preparar atualizando suas aulas poderá passar por constrangimentos desnecessários. Quanto à pergunta de disponibilização de tempo, é uma inverdade responder que não. Às vezes, dependendo da função no quartel pode-se não ter tempo para preparar no quartel, mas jamais faltará tempo para preparar as aulas considerando o tempo disponível na rotina diária pessoal... (Instrutor "C")</p> <p>... De maneira alguma... (Instrutor "D")</p> <p>... Acredito ser possível preparar uma aula mais adequada, não vejo problemas em relação a isso... (Instrutor "E")</p> <p>.... Às vezes sim, mas quando estou atarefado com trabalho a por fazer em minha Unidade de trabalho realmente me falta tempo para preparar uma boa aula... (Instrutor "F")</p>
---	--

QUADRO 11 – Tempo de preparo das aulas.

A questão abordada no QUADRO 11 se torna polêmica do ponto de vista da busca de uma justificativa plausível para uma aula sem conteúdo e mal elaborada, suposto que a falta de tempo seja considerada o fator principal. Há o entendimento de que para alguns Oficiais lotados em funções que exijam dedicação exclusiva desprendam maior esforço na busca de um ensino de qualidade.

Contudo, alguns instrutores ouvidos nessa pesquisa afirmam que o tempo não compromete e sim auxilia o docente quando este planeja suas aulas com antecedência ao dispor de planos de aula bem elaborados com seus respectivos roteiros e assuntos a serem ministrados, por isso, Lobo (2006, p. 18) enfatiza que o docente deve "considerar-se em permanente estado de aprendizagem, aberto às

contribuições dos discentes e às de seus colegas docentes, congregados no departamento de ensino”.

É complexo definir em todo o seu sentido o que seria “*ensinar*” ou do latim popular “*in-signare*”, ou seja, marcar com um sinal. Nos dias atuais nos deparamos com um quadro docente com acúmulo de funções para o Oficial que além de instrutor, se dedica às suas atribuições administrativas e operacionais em suas Unidades de designação, problema esse enfrentado também por professores das redes regulares de ensino. Para tanto, Moraes (1986) comenta:

Além disso temos que contar, principalmente no ensino público [...], com mestres que já perderam inclusive a sua condição de leitores, seja por falta de tempo seja por dificuldade de abastecer-se de livros e periódicos. No que tange aos alunos, a coisa é também difícil, pois a maior parte deles mostra-se desencantada com a hipocrisia social e afetada pela célebre inversão de valores que colocou o ter mais acima do ser mais. (MORAIS, 1986, p. 29)

Para tanto, pode-se observar que a questão de indisponibilidade de tempo no preparo das aulas não é fator determinante ou exclusivo dos bancos escolares destinados à formação bombeiro-militar em nível superior, pois também se faz presente no ensino público dentro das Universidades. Diante do contexto verificado, Gil (2008) insiste na importância da efetivação do planejamento, definindo-o como um processo sistematizado responsável em conferir maior eficiência às atividades educacionais voltadas à formação visando o alcance das metas estabelecidas.

Lobo (2008, p. 54, grifo do autor) complementa, “A aula requer procedimentos antes, durante e depois de sua apresentação. Estes procedimentos constituem as fases da aula, que são três: a preparação, a aula propriamente dita e a análise.”, sendo assim, entende-se que mesmo designado ou voluntário na composição do quadro de instrutores da Corporação, o Oficial deverá dispor dos meios necessários para fazer valer a missão confiada e disto independe o tempo, portanto, para o aprendizado proveitoso, o docente deve se esforçar na elaboração de um planejamento adequado, além de dominar e desenvolver habilidades pedagógicas.

Instrutores Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
A que você atribui a dificuldade de entendimento por parte do aluno em relação ao conteúdo ministrado?	<p>... A dificuldade maior estaria na questão da objetividade do aluno em ele querer prestar atenção, pois é mais pela obrigação... O aluno hoje acha que o curso que ele faz aqui dentro não é pelo curso... Afinal se trata até mesmo de um emprego, para alguns pelo menos... (Instrutor "A")</p> <p>... Há alunos interessados e a questão da pontuação final de curso leva a esta preocupação, porém não são todos. Acredito que alguns têm dificuldade por não terem formação básica principalmente em matérias de cálculo, aí dificulta o desenvolvimento da aula pelo instrutor... (Instrutor "B")</p> <p>... Nós temos problemas quanto ao nível de conhecimento dos alunos, são alunos que eventualmente freqüentaram escolas com realidade diferentes, portanto, muitos apresentam dificuldade de entendimento da matéria, mas eu penso que cabe ao instrutor mudar esse quadro... (Instrutor "C")</p> <p>... Em alguns casos a limitação cognitiva de alguns alunos se dá por falta de cultura mesmo, não se mantiveram atualizados ou sequer acompanharam as tendências de modernidade... (Instrutor "D")</p> <p>... Em alguns casos depende da vontade do instrutor e quebrar um paradigma da rigidez do ensino/instrução militar onde o aluno é induzido à passividade... Falta de capacidade e didática do instrutor em tornar um assunto atraente e facilmente compreendido... Designação imposta ou requerida de instrutores para lecionar disciplina ou tema não afim à sua formação ou especialização... (Instrutor "E")</p>

QUADRO 12 – Dificuldade de entendimento entre aluno e conteúdo.

<p>A que você atribui a dificuldade de entendimento por parte do aluno em relação ao conteúdo ministrado?</p>	<p>... Para que um aluno realmente aprenda as habilidades tem que treinar em simulações exaustivamente, sendo isso impossível na atual metodologia de ensino que massifica uma grande quantidade de informações no menor espaço de tempo possível... (Instrutor “F”)</p>
--	--

QUADRO 12 – Dificuldade de entendimento entre aluno e conteúdo.

Para os instrutores referidos no QUADRO 12, uma questão fundamental é a dificuldade de entendimento entre alunos que cursaram o ensino médio em instituições das mais variadas, sendo comum haver diferença em relação ao nível básico de conhecimento entre os frequentadores do curso até mesmo de ordem cultural ou geral. Apesar de se tratar de um curso de formação de Oficiais em nível superior é possível detectar problemas originados pela dificuldade de aprendizagem, fato esse presente também nas Instituições de ensino público e privado. Para tanto, Gil (2008) acrescenta:

As pessoas apresentam diferenças significativas em relação à aprendizagem. [...] Alguns alunos são mais rápidos em levantar as mãos para responder a uma pergunta, enquanto outros são mais lentos. Alguns alunos lembram-se facilmente da matéria ministrada no dia anterior, enquanto outros terão se esquecido e precisarão recordá-la. (GIL, 2008, p. 58)

Cabe destacar que embora a dificuldade de aprendizagem entre alguns alunos influencie de forma significativa a exposição das aulas e a qualidade no desenvolvimento do assunto, Gil (2008) sugere alguns fatores passíveis de comprometerem o processo de aquisição do conhecimento, dentre eles: herança genética, tipo de educação recebido, cultura geral, condições de vida, etc. Outro autor é enfático ao afirmar “desconheço assuntos tediosos; conheço, isto sim, formas imensamente tediosas de tratar certos assuntos”, Morais (1986, p. 35).

Para Libâneo (2001), a aprendizagem significativa só ocorre, efetivamente, quando o professor, mediante o processo intencional de ensino, cria condições para que o aluno opere física, mental e emocionalmente sobre o objeto do conhecimento se apropriando deste, ocorrendo assim o chamado processo de assimilação ativa, ao passo que para Shön (2000) e Perrenoud (2000), a formação de um profissional reflexivo exigirá o uso de metodologias e técnicas de ensino ativas, em que ele

possa colocar em movimento não apenas a observação e a repetição, mas a reflexão, a avaliação, a decisão e a ação adequadas, entre outras habilidades mentais.

Instrutores Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Fale sobre os aspectos negativos e positivos na Unidade de Ensino que ministra aulas.	<p>... Uma dificuldade grande aqui é fazer a parte prática, fazer com que os alunos observem a situação... Laboratório específico de uma disciplina... Aqui dentro da Instituição não temos condição de fazer isso nunca, agora um laboratório externo, por exemplo, nós temos sempre que buscar um laboratório de anatomia, química, mostrar fases de alguns tipos de atendimentos, coisa que não conseguiremos fazer aqui agregado somente a nossa Instituição, sou totalmente favorável a abertura para outras Instituições para unificação de trabalho... (Instrutor "A")</p> <p>... Falta realmente de um acervo de livros compatível com a nossa profissão. Os livros elaborados por nós oficiais ou mesmo praças seria muito importante no ensino, nós temos, por exemplo, uma série de livros sobre a ética policial escrito pelo coronel... Que são livros interessantes, mas voltado as áreas policial e um pouco na de bombeiro, porém na técnica de bombeiro ainda está muito a desejar... (Instrutor "B")</p> <p>... Hoje nós dispomos de materiais importantes na sala de aula como notebook e projetor de imagem, até algum tempo atrás nós não tínhamos que é importante para o instrutor até para o aluno ter melhor visualização e não perder tempo com anotações banais que podem ser repassadas via digital ajudando na otimização do tempo em sala de aula... (Instrutor "C")</p> <p>... Os negativos seriam, por exemplo, designação imposta ou requerida de instrutores para lecionar disciplina ou tema não afim à sua formação ou especialização... Não cumprimento de planos de matéria por parte de instrutores... Desatualização de alguns planos de matérias... (Instrutor "D")</p>

QUADRO 13 – Aspectos positivos e negativos na Unidade de Ensino.

<p>Fale sobre os aspectos negativos e positivos na Unidade de Ensino que ministra aulas.</p>	<p>... Falta de fiscalização por parte da Coordenação de curso, que na maioria das vezes não tem ascendência hierárquica sobre os instrutores (são mais modernos)... Infelizmente, acredito que o ensino não é encarado como prioridade por alguns Oficiais Superiores... (Instrutor "E")</p> <p>... Nos aspectos positivos eu diria... A disciplina de cumprimento de horários de Quadro de Trabalho Semanal... Tem um ordenamento previsto (legislação, portarias, documentação e etc) que devem ser seguidos e que são idênticos aos do sistema de ensino moderno... Nos negativos citaria a sala de aula pequena demais para o número de alunos, assim como a dificuldade de utilização dos meios auxiliares... Além de que, o aluno é bombardeado em tempo insuficiente, com uma absurda quantidade de matérias, impossibilitando um real aprendizado... (Instrutor "F")</p>
---	---

QUADRO 13 – Aspectos positivos e negativos na Unidade de Ensino.

Os instrutores destacam neste QUADRO questões relacionadas à falta de acervo bibliográfico destinado exclusivamente à formação bombeiro-militar; o excesso de conteúdo pré-estabelecido para os cursos em geral com carga horária insuficiente, além da designação de instrutores não comprometidos com o processo ensino-aprendizagem. Entretanto, destacam pontos favoráveis como: recursos disponibilizados de forma satisfatória, bem como, uma legislação vigente adequada ao propósito da formação. Primeiramente, a questão do planejamento curricular compete a Instituição de ensino a qual está vinculado o curso, sendo definida por Gil como:

de natureza multidisciplinar, envolve a direção do estabelecimento de ensino, seu corpo docente e também especialistas na área. Seu resultado é concretizado em planos, que definem os objetivos que [...] espera atingir, o perfil do profissional que pretende formar e as estratégias a serem adotadas para favorecer o processo de ensino-aprendizagem. (GIL, 2008, p. 33)

Para os pontos positivos e negativos mencionados pelos entrevistados na Unidade de Ensino ao qual lecionam, Moraes (1986) acrescenta que os impasses surgem e cabe diretamente a cada envolvido ou não no processo de ensino buscar

soluções para melhoria da qualidade dessa formação. Sobre essa premissa, Morais (1986, p. 35) conclui sobre três pontos centrais em relação à compreensão do ato de ensinar estabelecendo “a necessidade de saber apresentar e discutir conteúdos”; auxiliar o aluno no descobrimento do “valor da autodisciplina” e fazê-lo de forma a provocar a “iluminação do viver e conviver”.

Os instrutores e coordenadores de cursos têm liberdade para definir conteúdos, estratégias, processo de avaliação, etc., ou seja, têm certo controle sobre o processo de ensino-aprendizagem. O conhecimento acerca de suas práticas discentes e docentes é necessário ao processo contínuo de busca de soluções para seus problemas e dificuldades no âmbito pedagógico. Por fim, entender os determinantes e as implicações políticas é decisivo, não só para compreender a dinâmica do processo de mudança, mas especialmente, para provocá-las.

Instrutores Entrevistados	
Questão sugerida	Transcrição das Entrevistas
Que sugestões você daria para melhorar o processo ensino-aprendizagem?	<p>... Trabalhar com uma metodologia específica dentro das disciplinas, trabalhar com uma equipe fechada dentro de cada disciplina também evitando mudar muito os instrutores e os monitores,... (Instrutor “A”)</p> <p>... Que o instrutor ou monitor consiga se atualizar constantemente e repassar essa informação aos alunos, ele só tem a ganhar com isso, quando a gente deixa de focar um assunto e passa várias disciplinas para esse instrutor ou muda ele de disciplina constantemente faz com que a produtividade dele caia... (Instrutor “B”)</p> <p>... Nós temos metodologias diferenciadas de ensino que eu acho que vem melhorando, mas investir na capacitação do instrutor na área pedagógica seria algo interessante. Buscar instrutores comprometidos e interessados com o ensino... (Instrutor “C”)</p>

QUADRO 14 – Sugestões para o processo ensino-aprendizagem.

<p>Que sugestões você daria para melhorar o processo ensino-aprendizagem?</p>	<p>... Acredito que seja a capacitação de instrutores... Claro que isso acompanha diversas melhorias desde valorização do profissional de ensino social e financeiramente e investimento em especializações... (Instrutor "D")</p> <p>... O entendimento mais acertado seria o de formar o profissional aos poucos, ou seja, o aluno seria preparado inicialmente para o desempenho de função básica... (Instrutor "E")</p> <p>... Acredito que uma formação na área pedagógica seria interessante para àqueles que realmente têm interesse em exercer o papel de instrutor e formador, pois se sabe que alguns não colaboram por não gostarem dessa atividade, é preciso gostar realmente... Acho que poderia diminuir a carga horária de algumas matérias e aumentar em outras, mas principalmente adequar o currículo para Oficial Bombeiro para que o aspirante já saísse com formação em engenharia de segurança... (Instrutor "F")</p>
--	--

QUADRO 14 – Sugestões para o processo ensino-aprendizagem.

No QUADRO 14 algumas sugestões mencionadas remetem à importância de atualização docente contínua, investimentos na área de ensino além da valorização profissional e financeira. Para Gil (2008), o reconhecimento da necessidade da preparação pedagógica do professor universitário tem levado instituições de ensino superior a desenvolver programas com vistas à atualização de seu quadro docente. Continua o autor "a maioria desses cursos de Especialização, nas mais diversas áreas, vem oferecendo a seus alunos disciplinas dessa natureza, sendo que as mais freqüentes são *Metodologia do Ensino Superior* e *Didática do Ensino Superior*." Gil (2008, p. 21).

Independente do posicionamento individual de cada entrevistado sobre aperfeiçoamento e acima de tudo a sobrecarga aliada às funções internas administrativas e operacionais da Unidade, cabe destacar que, nesse contexto, o relacionamento interpessoal do instrutor-aluno é fundamental para o alicerce das bases fundamentais de ensino e deve ser fortalecido à medida que se pretenda conseguir melhores resultados na instituição.

A Academia Policial Militar do Guatupê deve estar voltada para o ensino, pesquisa e extensão sob o contexto social a qual está inserida, pois instrutores e alunos comprometidos em projetos institucionais certamente se tornarão profissionais qualificados e a Academia cumprirá sua meta educacional perante a sociedade. Ao instrutor, a diferença é tão somente no saber se comportar conforme as exigências de cada estágio, turma ou momento vivido. Niskier (1995) acrescenta:

Na verdade, para enfrentar os desafios educacionais futuros, necessita-se de flexibilidade operatória de seus esquemas de assimilação e não de respostas aprendidas. Quanto menos hábitos intelectuais fixos e mais capacidade de adaptação a situações novas, mais preparado estará o indivíduo. A educação deve preparar jovens para se adaptarem à mudança e participarem do desconhecido: aprender a aprender, de modo que possam adquirir conhecimentos novos em todo o percurso; aprender a pensar de forma livre e crítica; aprender a amar o mundo e torná-lo mais humano; aprender a expandir sua personalidade, a través do trabalho criador e do lazer satisfeito. (NISKIER, 1995, p. 589)

O processo ensino-aprendizagem requer um estudo profundo além do tratado neste estudo, portanto, não se espera encerrar aqui as questões inerentes ao assunto e sim fornecer subsídios teóricos para àqueles que têm como meta contribuir de maneira efetiva no processo de formação e especialização dentro do sistema de ensino da Polícia Militar do Paraná. A educação é necessariamente fundamental para o crescimento humano da nossa Corporação, e para que esse crescimento ocorra, é crucial que os militares estejam bem preparados profissionalmente e intelectualmente no atendimento da sociedade.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta pesquisa tem como objetivo geral apresentar a metodologia da ação docente como aliada na busca de uma formação profissional eficaz, portanto, nas considerações finais do presente estudo se pode concluir, a partir de uma reflexão de cunho exploratório, que diante das opiniões dos entrevistados participantes do curso de formação de Oficiais Bombeiros-Militares do Paraná, a razão principal das dificuldades observadas durante o processo ensino-aprendizagem se dá, sobretudo, pela falta de mediação e interação durante a transmissão de conteúdo da disciplina. Portanto, uma comunicação eficaz se faz necessária, além de um planejamento adequado, pois compreender o ato de ensinar é interpretá-lo como peça fundamental na aprendizagem humana ao incorporá-lo em nossa cultura.

A exposição de extratos relacionados às entrevistas considerados essenciais ao presente estudo leva a crer que o direcionamento pedagógico pode ser revisto, bem como a metodologia aplicada, pois não se trata aqui de algo definitivo e acabado e sim de um constante recriar. O desafio, portanto, consiste em despertar nos alunos a vontade de aprender e aplicar esse aprendizado para sua vida seja profissional ou pessoal e avaliar o quanto a postura e comportamento dos instrutores corroboram ou não para as dificuldades presentes. Os exemplos e sugestões para as questões práticas e teóricas são mínimas comparadas ao potencial efetivo do corpo docente de nossa Corporação.

A condição de instrutor exige que este seja mais verbal do que gráfico, que exercite a oratória para expressar suas idéias de forma clara e objetiva, pois a prática da boa comunicação só será adquirida por meio de treinamento, disposição e exposição pessoal durante o aprendizado, pois como orientação da Portaria de Ensino da Polícia Militar do Paraná, dentre as competências a serem desenvolvidas no aluno no período de formação destacam-se a iniciativa, autoconfiança e autodomínio.

Para tanto, o conhecimento sobre aprendizagem do ponto de vista histórico, psicológico e filosófico, pode auxiliar a compreender melhor e superar dificuldades levando em conta a adaptação diante da realidade atual, além de uma formação pedagógica em nível superior ou técnico. Por intermédio dos pensadores e suas teorias pautadas na Educação, conceitos foram desenvolvidos e revistos dentro de

seus aspectos de acordo com cada momento histórico, os quais ainda preservam seus pressupostos teóricos estudados na atualidade, entretanto não se pode esquecer que passado é referência e não direção.

Assim, com esforço, será possível aprender a ensinar e ensinar a aprender despertando um processo de reflexão crítica e compreendendo o papel do instrutor como partícipe do movimento histórico-cultural na sociedade. A educação envolve todo um instrumental de formação humana permeada pela percepção do mundo, da comunicação, do autoconhecimento e de conhecimento das necessidades humanas e se propõe a prover as formas de superação dessas necessidades, sejam elas materiais ou psíquicas, de superação ou de reconhecimento de limites.

Sintetizando, a formação é essencialmente interativa a partir da relação docente, aluno e metodologia, sendo a mediação, papel fundamental do instrutor ao proporcionar uma aquisição ativa do conhecimento. O sistema forma e define por intermédio de um processo avaliativo rígido, por vezes inflexível e desumano, entretanto, a ruptura desse modelo só é possível a partir de uma mudança comportamental de iniciativa docente, seja por meio do aperfeiçoamento ou na busca de novas linhas de ação pedagógica.

É comum ouvir de alguns instrutores a frase “os alunos de hoje são diferentes”, certamente que sim e provavelmente serão diferentes em relação aos alunos de amanhã, portanto, na condição docente não é possível prosseguir ministrando aulas iguais há dez ou quinze anos atrás, ou seja, não se pode fazer do mesmo modo, pois é necessário olhar a realidade como se coloca. A formação lida com futuro, sendo que podemos encontrar a resposta no passado desde que se traga aquilo que precisa ser preservado, protegido, levado adiante, pois as transformações culturais são evidentes e ocorrem na área de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Célia de; MASETTO, Marcos Tarciso. **O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos**. 5. Ed. São Paulo: MG Ed. Associados, 1985.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 14. ed. São Paulo: Ediouro, 2005.
- AZEVEDO, I. B. **O prazer da produção científica**. Piracicaba: UNIMEP, 1993.
- CASTRO, Amélia Domingues de. **Piaget e a Didática: ensaios**. São Paulo: Saraiva, 1974.
- FONTES, Giovana Marques. **Lições para o sucesso falando e escrevendo bem**. Maringá: Liceu, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 31.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREITAS, Maria Tereza de Assunção. **Vygotsky e Bakhtin, Psicologia e Educação: um intertexto**. 4. ed. São Paulo; Ática, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOI, C.; MATTOS, P. **Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico**. In: GODOI, C.; MELLO, R.; SILVA, A. (Org). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais – paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva. 2006, p. 301-323.
- GONÇALVES, Neide. **A importância de falar bem: a expressividade do corpo, da fala e da voz, valorizando a comunicação verbal**. Ed. Lovise: São Paulo, 2000.
- KNELLER, George F. **Introdução à FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A. 1984.
- LIBÂNEO, Jose Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2001.
- LIBÂNEO, Jose Carlos. **TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NA PRÁTICA ESCOLAR**. Universidade Católica de Goiás: ANDE, V.6, p. 11 – 23, 1983.
- LOBO, Jorge Luiz Farias; ZELINSKI, Cesar Renato; BONDARUK, Roberson Luiz. **Manual do Instrutor da PMPR**. Curitiba: AVM, 2006.
- MOLLO, Suzanne. **Os mudos falam aos surdos: o discurso da criança sobre a escola**. Coleção “Técnicas de Educação”. Lisboa: Editorial Estampa, Lda, 1977.
- LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 10. ed. São Paulo. Editora Nacional. 1978.

- MARCOVITCH, Jacques. **A universidade impossível**. São Paulo: Futura, 1998.
- MORAIS, Regis de. **O que é ensinar**. São Paulo: EPU, 1986.
- NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de história, 1500 – 2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Consultor, 1995.
- PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- POLITO, Reinaldo. **Gestos e posturas para falar melhor**. 23. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. **A prática Reflexiva no Ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, Philippe; ALTET, Marguerite; CHARLIER, Évelyne. **Formando Professores Profissionais: Quais estratégias? Quais competências**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- RIBOULET, L. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo Ltda, 1951.
- SHÖN, Donald A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SPINK, M. J. **O conceito de Representação Social na abordagem psicossocial**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p. 300-308, jul/set.1993.
- WEIL, Pierre. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal, por Pierre Weil e Roland Tompakov**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

- LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei no 9.394, de 1996, 3. ed. Centro de Documentação e Informação, Coordenação de Publicações. Brasília: 2005.
- MÜLLER, Mary Stella; CORNELSEN, Julce Mary. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. 5. ed. Londrina: EDUEL, 2003.
- PORTARIA DO COMANDO-GERAL Nº 236, de 26 de fevereiro de 2008 – **Portaria de Ensino da PMPR – 2008**.
- PORTARIA Nº 243, de 26 de fevereiro 2008 - **NORMAS TÉCNICAS PARA AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO E DA APRENDIZAGEM / NOTARA – 2008**.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didactica Magna**. Trad. Joaquim Ferreira Gomes. Versão para eBook: eBooksBrasil, 2001. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/didaticamagna/didaticamagna-comenius.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2009.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Educação no Brasil: a História das rupturas. Pedagogia em Foco**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb14.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2009.

Tendências Pedagógicas. Disponível em: <http://pedagogia.tripod.com/quadro_tendencias.htm>. Acesso em: 28 jul. 2009.

Categorias especiais. Disponível em <<http://www.portaldapropaganda.com/marketing/2008/08/0014>>. Acesso em: 03 ago. 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ALUNO

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS DE CURSOS DE FORMAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS DO PARANÁ.

- 1) **PRIMEIRO PASSO:** EXPLICAR A FINALIDADE DA PESQUISA E SEU OBJETIVO PRINCIPAL. “PESQUISA EXPLORATÓRIA QUE BUSCA ENTENDER A METODOLOGIA DA AÇÃO DOCENTE COMO FERRAMENTA FUNDAMENTAL NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM QUANDO APLICADA DE FORMA ADEQUADA DENTRO DE SEUS ASPECTOS PRINCIPAIS”.
- 2) **SEGUNDO PASSO:** ESCLARESCER QUE A ENTREVISTA NÃO DEVERÁ CONTER NOMES OU INFORMAÇÕES QUE FAÇAM ALUSÃO A QUALQUER ALUNO, MATÉRIA OU INSTRUTOR EVITANDO, COM ISSO, QUALQUER CONSTRANGIMENTO PARA AMBOS.

ASSUNTOS RELACIONADOS AOS ALUNOS:

- a) Fale sobre suas expectativas antes de iniciar o curso e atualmente na condição de aluno.
- b) Você tem sentido dificuldade em entender o conteúdo da matéria? Por quê?
- c) Em quais aspectos a ação do instrutor compromete o ensino?
- d) As dificuldades de aprendizado ocorrem durante matérias teóricas e práticas? Há diferença?
- e) Em sua opinião, como deveria ser uma aula teórica e prática?
- f) Que sugestão você teria para melhorar essa interação entre instrutor e aluno durante a exposição das aulas?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO INSTRUTOR

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS DE CURSOS DE FORMAÇÃO DO CORPO DE BOMBEIROS DO PARANÁ.

- 3) **PRIMEIRO PASSO:** EXPLICAR A FINALIDADE DA PESQUISA E SEU OBJETIVO PRINCIPAL. “PESQUISA EXPLORATÓRIA QUE BUSCA ENTENDER A METODOLOGIA DA AÇÃO DOCENTE COMO FERRAMENTA FUNDAMENTAL NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM QUANDO APLICADA DE FORMA ADEQUADA DENTRO DE SEUS ASPECTOS PRINCIPAIS”.
- 4) **SEGUNDO PASSO:** ESCLARESCER QUE A ENTREVISTA NÃO DEVERÁ CONTER NOMES OU INFORMAÇÕES QUE FAÇAM ALUSÃO A QUALQUER ALUNO, MATÉRIA OU INSTRUTOR EVITANDO, COM ISSO, QUALQUER CONSTRANGIMENTO PARA AMBOS.

ASSUNTOS RELACIONADOS AOS INSTRUTORES:

- a) Há quanto tempo você leciona como instrutor nos cursos internos da Corporação?
- b) Você considera que dispõe de tempo para preparar as aulas observando os aspectos metodológicos?
- c) A que você atribui a dificuldade de entendimento por parte do aluno em relação ao conteúdo ministrado?
- d) Fale sobre os aspectos negativos e positivos na Unidade de Ensino que ministra aulas.
- e) Que sugestão você daria para melhorar o processo ensino-aprendizagem?

APÊNDICE C - TERMO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
 DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE
 CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS



ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO E CONTROLE DA
 SEGURANÇA PÚBLICA

TERMO DE COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário, em um trabalho de pesquisa de conclusão de curso, sendo que em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você poderá procurar o Oficial responsável pela pesquisa no Terceiro Grupamento de Bombeiros com sede no município de Londrina, Paraná, pelo telefone (43) 3373-2925 e Fax (43) 3373-2941.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: **METODOLOGIA DA AÇÃO DOCENTE: UMA PRÁTICA REFLEXIVA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO BOMBEIRO-MILITAR.**

Pesquisador responsável: **Cap QOBM Luiz Alberto Bueno Candido.**

- A pesquisa tem como objetivo principal: Apresentar a Metodologia da Ação Docente como uma aliada na busca de uma formação profissional eficaz e atual visando à qualidade no atendimento à comunidade paranaense.
- Os dados serão coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas com auxílio de um gravador visando garantir a qualidade e fidelidade das transcrições das falas dos entrevistados ficando posteriormente disponíveis para a consulta e conferência dos mesmos.
- A pesquisa não oferece riscos, prejuízos ou desconfortos aos sujeitos entrevistados, sendo que os mesmos podem interromper sua participação em qualquer momento desde a coleta até a análise dos dados.
- A participação na pesquisa oferece uma oportunidade para que os entrevistados expressem suas opiniões de forma a contribuir para os estudos relativos ao ensino e aprendizagem nos cursos de formação do Corpo de Bombeiros do Paraná, incentivando a reflexão das questões relacionadas à mesma no meio acadêmico.
- A coleta de dados será realizada nos meses de maio e junho de 2009, sendo que fica assegurado o sigilo das informações fornecidas. Reitera-se ainda que não há nenhuma obrigação de cunho militar que obrigue o convidado a participar da pesquisa, sendo que fica assegurado o direito de não-participação a qualquer momento.

Cap QOBM Luiz Alberto Bueno Candido
 Aluno do CAO – turma A